ROBERT A. JOHNSON

SHE

A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ROBERT A. JOHNSON

SHE

A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina



MERCURYO

Índice

INTRODUÇÃO
- O PAPEL DESEMPENHADO PELO MITO

I - O NASCIMENTO DE PSIQUÊ
- INÍCIO DA HISTÓRIA
- OS ELEMENTOS MÍTICOS
- A COLISÃO

II - A MOCIDADE DE PSIQUÊ
- O CASAMENTO

III - EROS
- O CASAMENTO DA MORTE
- O JARDIM DO PARAÍSO
- PARAÍSO PERDIDO
- O DRAMA MODERNO

IV - A CONFRONTAÇÃO
- AS FERRAMENTAS

V - AMOR OU ESTAR APAIXONADO

VI - A DESPEDIDA DE EROS
- O ANIMUS

VII - O SOFRIMENTO DE PSIQUÊ
- PSIQUÊ SOZINHA

VIII - AS TAREFAS
- A PRIMEIRA TAREFA
- A SEGUNDA TAREFA
- A TERCEIRA TAREFA
- A QUARTA TAREFA
- EPÍLOGO

Este é um trabalho de divulgação de livros encontrados por mim na internet para que possa
proporcionar o benefício de um acesso àqueles que não teriam um outro meio para tal.
Segundo a filosofia budista existem quatro formas de generosidade:
- Partilhar os ensinamentos que geram paz interior da forma adequada à mente e à cultura das
pessoas, sem esperar pagamento ou recompensa.
- Oferecer coisas materiais, como nosso corpo e nossos recursos.
- Oferecer proteção, consolo e coragem. Podemos proteger os outros de perigos
e outros humanos, de não-humanos e dos elementos.
- Oferecer amor (oferecer incondicionalmente aos outros nosso tempo, apoio emocional, energia
positiva e boas vibrações).



Após sua leitura considere, dentro do possível, a possibilidade de adquirir o original, pois assim você
estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

SHE - A CHAVE DO ENTENDIMENTO DA PSICOLOGIA FEMININA

ROBERT A. JOHNSON

EDITORA MERCURYO, S.P. 1996

INTRODUÇÃO

O mito grego de Eros e Psiquê é um dos melhores que encontramos para explicar a psicologia feminina. Pré-cristão, esse mito foi registrado na era clássica grega, mas antes disso já existia na tradição oral. E ainda hoje é relevante para nós. Que devesse ser assim, não é estranho, uma vez que a biologia humana parece ser a mesma dos idos tempos gregos. Igualmente, a dinâmica do inconsciente psicológico da personalidade humana é semelhante. As necessidades básicas do ser humano - tanto fisiológicas quanto psíquicas - têm-se mantido estáveis, variando apenas a maneira de serem satisfeitas, através dos tempos.
Por essa razão é que quando queremos estudar os padrões humanos básicos - de comportamento e de personalidade - é bom voltarmos às fontes primeiras, onde sua representação é tão direta e simples que não há como não aprender com elas. Aí, ao compreendermos a estrutura básica, começamos a ver as variações peculiares à nossa época.

O PAPEL DESEMPENHADO PELO MITO

Os mitos são ricas fontes de *insights* psicológicos. A produção literária e artística de alto nível registra e retrata a condição humana com uma precisão indelével. Os mitos, porém, constituem um gênero muito especial de literatura. Não são escritos ou criados por um único indivíduo, porque na realidade são produtos da imaginação e experiências de toda uma era, de toda uma cultura.
Parece que eles se desenvolvem gradativamente quando certos motivos emergem; à medida que as pessoas contam e recontam algumas histórias que despertam e prendem sua atenção, os mitos vão-se aperfeiçoando até chegar à sua lapidação total. Deste modo, temas que são exatos e universais mantêm-se vivos, enquanto aqueles que dizem respeito a alguns poucos indivíduos, ou a

alguma época em particular, desaparecem. Mitos, portanto, retratam imagens coletivas, mostram coisas que são verdadeiras para todos.
Isso desmente a definição racionalizadora, que diz ser o mito mentiroso e imaginário: "Como? Ah, isso é só um mito, não tem nada de verdadeiro!" , é o que ouvimos com freqüência. Os detalhes da história mítica podem ser inverídicos ou até fantásticos, mas na realidade um mito é profunda e. universalmente verdadeiro.
Um mito pode ser uma fantasia ou ainda produto de imaginação; não obstante, é verdadeiro e real. Descreve níveis de realidade que incluem o mundo racional exterior, assim como o pouco compreensível mundo interior.
Essa compreensão a respeito da limitada definição da realidade pode ser perfeitamente ilustrada através do pensamento de uma criança de tenra idade logo após um pesadelo. Para confortá-Ia, os pais até poderão dizer-lhe: "Foi só um sonho, o monstro não era real!" Mas a criança não se convence, e tem toda a razão. Para ela aquilo é tão real e tão vivo quanto qualquer outra experiência. O monstro do sonho estava em sua cabeça e não em seu quarto; mesmo assim, era uma realidade aterrorizante" com poder sobre as suas reações físicas e emocionais. Essa realidade interior não pode nem deve ser negada.
Os mitos foram alvo de estudos minuciosos de muitos psicólogos, como Jung, por exemplo, que, ao estudar as bases estruturais da personalidade humana, soube dar-Ihes atenção particular e neles encontrar a expressão de padrões psicológicos básicos. Espero poder fazer o mesmo com o nosso estudo sobre Eros e Psiquê.
Precisaremos, em primeiro lugar, pensar mitologicamente - um processo delicioso e vibrante. Sentimentos muito fortes afloram quando alcançamos o pensamento psicológico que os mitos, os contos de fadas e os nossos próprios sonhos nos trazem. No entanto, os termos e os cenários dos velhos mitos podem, à primeira vista, parecer-nos estranhos, por serem arcaicos ou distanciados de nós. Mas, se prestarmos bastante atenção e os tomarmos seriamente, começaremos por ouvi-Ios e entender-lhes o significado. Faz-se necessário, algumas vezes, traduzir um símbolo, o que não é difícil uma vez que se veja como isso é feito.
Muitos psicólogos interpretaram Eros e Psiquê como sendo uma demonstração da personalidade feminina. Talvez mais sábio fosse, desde o início do estudo, dizer que estamos falando da feminilidade onde quer que ela se encontre: seja no homem, seja na mulher. Jung, em um de seus mais profundos *insights*, mostrou que, como geneticamente todos os homens têm cromossomos e hormônios recessivos femininos, eles apresentam um conjunto de características psicológicas femininas - elementos que neles são minoritários. Da mesma forma,

as mulheres têm um componente masculino minoritário em seu interior. Jung chamou de *anima* a faceta feminina do homem e de *animus*, a masculina da mulher.
Muito tem sido escrito a respeito da *anima* e do *animus*, e teremos mais a dizer sobre esses dois aspectos, mais adiante. Nesse ponto, toda vez que nos referimos aos aspectos femininos do mito Eros e Psiquê, estamos falando não somente da mulher, mas também da *anima* do homem, ou seja, sua face feminina. Pode ser mais óbvio associá-Ia à mulher, já que a feminilidade é sua principal característica psicológica, mas existe também um paralelo com o aspecto interior feminino existente no homem, a *anima*.

I - O NASCIMENTO DE PSIQUÊ

Nossa história começa com uma frase: Era uma vez um reino... (E sempre existe um reino que é o começo de todas as coisas.) Por aí já sabemos que vamos encontrar um *insight* desse reino, que é nosso próprio mundo interior. Se você prestar atenção à velha linguagem do conto, poderá enxergar esse reino que está lá dentro de nós e que é raramente explorado pela mente racionalista de nossos dias. Uma verdadeira mina de ouro, no sentido de informação e *insight*, é depreendida destas poucas palavras: Era uma vez um reino...

INÍCIO DA HISTÓRIA

Nesse reino há um rei, uma rainha e suas três filhas. As duas primeiras são princesas comuns, sem qualquer expressão.
A filha mais nova, que se chama Psiquê, que significa *Alma*, é a personificação do mundo interior. É ela quem nos levará a uma jornada pelo reino interior, ela é a que expressa, ao mesmo tempo, o reino mítico e o reino terreno.
Você se dá conta dessas três personagens dentro de você? Quem não tem consciência da parte comum dentro de si mesmo, e da parte especial, não terrena,

que pouco sabe lidar com o cotidiano?
Ela, a nossa princesa, é uma pessoa extraordinária: bonita, charmosa, porte de deusa; sua forma de falar e o todo de sua personalidade merecem o culto de adoração que se formou ao seu redor. O que levava as pessoas a assim se referirem a ela: "Eis aí a nova Afrodite, eis a nova deusa que tomará o lugar da antiga no templo, e a suplantará". E Afrodite teve de suportar o insulto de ver as cinzas do fogo sagrado de seu templo esfriarem e, ainda, assistir a um arremedo de mulher tomar seu lugar!
Afinal, Afrodite havia sido a divindade reinante da feminilidade desde os primórdios, sem que ninguém jamais pudesse definir a época exata do início de seu reinado. Portanto, presenciar a escalada de uma nova deusa da fertilidade era-lhe totalmente insuportável! Raiva e ciúmes apocalípticos marcaram, nesse momento, um novo rumo em nossa história: mexer com a fúria de divindades, ou exigir delas uma mudança, é convulsionar as fundações de nosso mundo interior.

OS ELEMENTOS MÍTICOS

As origens das duas deusas, Afrodite e Psiquê, são bem interessantes. Brandindo uma pequena foice, Cronos, o filho caçula de Urano - o deus dos céus -, cortou os genitais de seu pai e arremessou-os ao mar, assim fertilizando as águas e permitindo o nascimento de Afrodite. Esse momento foi imortalizado por Botticelli, na sua magnífica obra O *Nascimento de Vênus:*[1] na plena majestade de sua feminilidade, Afrodite aparece em pé em uma concha, emergindo das ondas.
Aí está a origem divina do princípio feminino em sua forma arquetípica, um grande contraste com o nascimento de Psiquê, concebida - diz-se - quando uma gota de orvalho do céu caiu sobre a terra. Que linguagem mais curiosa! Rica, porém, em *insight* psicológico, para quem consiga ouvir sua mensagem arcaica e perene.
A diferença entre esses dois nascimentos, se entendida de forma justa, revela a diversidade de natureza desses dois princípios femininos. Afrodite é a que nasceu do mar: primeva, oceânica, em todo o seu poder feminino. Ela *é* desde o início do tempo, faz parte de um estado de evolução pré-consciente; sente-se à vontade no fundo do mar e lá mesmo mantém sua corte.
Em termos psicológicos, ela reina no inconsciente, simbolizado pelas águas do

mar. Por isso raramente é acessível em termos conscientes, comuns; é como se nos confrontássemos com um vagalhão. Também é difícil atingir a natureza de Afrodite, enquanto feminilidade primitiva, ou com ela conviver. Pode-se admirá-Ia, adorá-Ia, ou ser esmagado por sua feminilidade arquetípica, pois é muito difícil relacionar-se com ela. E esta será a tarefa de Psiquê, dada a vantagem que leva por ser humana: integrar e suavizar essa feminilidade oceânica arquetípica. Eis aí o propósito de nosso mito.

Toda mulher tem dentro de si uma Afrodite, reconhecida pela sua irresistível feminilidade, pela sua intensa, impessoal, inatingível majestade. Suas principais características são a vaidade, a luxúria, a fertilidade e a tirania, quando contrariada.

Mas as histórias a respeito de Afrodite e sua corte são maravilhosas. Uma aia sempre carrega um espelho diante da deusa, para que ela possa estar constantemente mirando-se nele, e alguém está a borrifar-lhe perfume a toda hora. Ciumenta, não tolera nenhum tipo de competição, e continuamente está arranjando casamentos para quem quer que seja. Não se satisfaz nunca a não ser que todos estejam muito ocupados, servindo sua fertilidade.

Afrodite é o princípio que está constantemente espelhando para o nosso inconsciente cada experiência vivida. Enquanto o homem se ocupa em expandir, encontrar e explorar tudo aquilo que é novo, Afrodite está refletindo, espelhando e assimilando. Esse espelho simboliza uma das qualidades mais marcantes da deusa do amor: sempre colocando um espelho à disposição do *self,* que, sem o auxílio desse espelho, poderia ficar preso na projeção. Ao buscar a resposta, porém, para aquilo que está sendo espelhado, poderá ter início o processo que leva ao entendimento, não permitindo que se fique aprisionado num emaranhado emocional sem solução. O que não quer dizer que não haja influência de fatores externos. Mas é importante perceber e entender que muitas coisas de nossa natureza interior, mascaradas como sendo fatos externos, deveriam refletir esses fatos de volta ao mundo subjetivo, de onde se originaram.

Afrodite oferece esse espelho com mais freqüência do que gostaríamos de admitir. A cada vez que alguém se apaixona e vê as características do deus ou da deusa na pessoa amada, é Afrodite refletindo em seu espelho nossa imortalidade ou qualidades divinas. Relutamos em ver nossas virtudes, tanto quanto nossos erros, e um longo período de sofrimento geralmente interpõe-se entre o ver no espelho e a realização do que quer que seja. Psiquê leva um longo tempo entre apaixonar-se por Eros e descobrir sua própria imortalidade.[2]

Esta Afrodite é a grande deusa-mãe, como é vista pelos olhos de sua futura nora. Quando uma mulher intermedia a beleza e a graça para o mundo, é a energia de Vênus - ou Afrodite - em ação. Mas quando é confrontada com a nora, a deusa

se torna ciumenta, competitiva, determinada a criar obstáculos o tempo todo para Psiquê.

---

1. Nome romano de Afrodite. (N. A.)
2. Devo a Betty Smith esse *insight* (N. A.)

Esse drama envolvendo sogra e nora é levado em todas as culturas, e representa uma das irritações psíquicas que mais contribuem para o crescimento de uma jovem. Conseguir lidar com o universo de sua sogra significa para ela atingir a maturidade. Deixar de ser aquela gota de orvalho, chegada de forma tão ingênua a este mundo e ao casamento.

É bem embaraçoso para uma mulher moderna, razoavelmente inteligente, descobrir sua natureza-Afrodite, com seus truques e instintos primitivos. Essa deusa freqüentemente mostra seu lado tirânico e crê que sua palavra é lei.

É natural que, quando uma nova forma de feminilidade aparece num grau evolutivo, essa velha deusa sinta-se irada. Ela está além de qualquer moralidade, pois existia antes do tempo da moralidade. Usará, portanto, todos os meios de que dispõe para subjugar a oponente. E as mulheres sabem muito bem disso, pois quando acontecem as súbitas regressões à sua natureza-Afrodite elas se tornam figuras aterrorizantes, enquanto presas dela. É raro encontrar um lar em que a mulher, quando se deixa levar por suas súbitas erupções, reconheça-se nesse momento como Afrodite e saiba dar o uso real para essa energia sublime que se desprende dessas explosões.

A energia-Afrodite é uma força de grande valor, que se põe a serviço do desenvolvimento pessoal quando domina seu poder aterrador, fazendo com que todos à sua volta cresçam. Quando chega o tempo de crescimento, as velhas formas e os velhos hábitos devem dar as boas-vindas aos novos. As velhas formas de agir parecem perseguir, em cada ponto, as novas que desabrocham. Mas é uma questão de se perseverar, pois esse caminho trará à luz uma nova consciência.

Há uma história sobre o primeiro elefantinho nascido em cativeiro. O tratador ficou deslumbrado, mas logo a seguir apavorou-se, quando os outros animais juntaram-se num círculo e começaram a lançar o recém-nascido para o ar, atirando-o de um para outro. Num primeiro momento, ele pensou que o estivessem tentando matar, mas depois verificou que o intuito era fazê-Io respirar.

No processo de um novo crescimento, fatos terríveis parecem acontecer; mas, se observarmos com atenção, veremos que eram absolutamente necessários. Afrodite, que é impiedosamente criticada a cada passo, faz tudo para tornar possível a evolução de Psiquê. É muito fácil ser otimista depois de ocorrido o fato, mas é infernalmente doloroso o seu processo. Enquanto se processa essa evolução, instala-se um estado verdadeiramente caótico, de guerra, dentro do ser. A velha maneira, a natureza-Afrodite é regressiva. Leva a mulher de volta ao inconsciente, mas ao mesmo tempo força-a à nova vida - às vezes com grande risco. Talvez a evolução possa ser alcançada de outra forma; pode ser que Afrodite seja, por vezes, o único elemento capaz de promover o crescimento. Existem mulheres, por exemplo, que não conseguiriam evoluir a não ser sob a tirania ou de uma sogra ou de uma madrasta.

A COLISÃO

Muitos dos conflitos de uma mulher moderna resumem-se na colisão entre suas duas naturezas intrínsecas - Afrodite e Psiquê. Isso ajuda-a a adquirir uma estrutura para entender o processo; se ela for capaz de vislumbrar o que lhe está ocorrendo, estará a caminho de uma nova consciência. Reconhecer Afrodite pode ser-lhe de grande valia. Quando o homem reconhece Afrodite na mulher e sabe o que deve ou não fazer, ele estará numa posição privilegiada.

II - A MOCIDADE DE PSIQUÊ

Agora que já conhecemos algo sobre a natureza de Afrodite - o mais antigo e primitivo nível de feminilidade -, passaremos a observar a nova expressão do feminino. Diferente de Afrodite, que surgiu do mar, Psiquê nasceu de uma gota de orvalho que, vinda do céu, caiu sobre a terra. Essa mudança do oceano de Afrodite para a terra de Psiquê é a progressão da primeva

feminilidade oceânica para uma nova forma, mais humana. Em vez de turbilhões oceânicos, temos as controláveis águas de uma gota de orvalho.

A natureza de Psiquê é tão magnificente, tão fora deste mundo, tão original e pura, que é adorada, mas não cortejada. Eis aí uma experiência brutalmente solitária, pois a pobre Psiquê não encontra marido.
Nesse sentido, existe uma Psiquê em toda mulher, o que significa ser muito só. Por um lado, toda mulher é filha de rei: muito adorável, muito perfeita, com uma riqueza interior muito grande para um mundo tão vulgar. Quando uma mulher se vê solitária e incompreendida, quando percebe que as pessoas são afáveis para com ela mas mantêm um certo distanciamento, acaba descobrindo o seu lado-Psiquê. E como dói. As mulheres tornam-se por vezes agudamente conscientes desse dolorido estado de alma, sempre que consigam decifrarlhe a origem, que nada mais é que o surgimento de seu lado-Psiquê em sua própria personalidade. Ficar presa neste aspecto do caráter feminino significa permanecer intocável e privar-se de relacionamentos afetivos.
Absurdos de toda sorte acontecem, quando as mulheres tentam acomodar sua partePsiquê dentro do dar-e-receber cotidiano que constitui esses relacionamentos afetivos. Se sua parte-Psiquê abranger uma posição considerável de sua personalidade, essa mulher terá uma penosa tarefa nas mãos. Cairá em pranto bradando: "Ninguém me entende". E é verdade! As mulheres têm dentro de si essa característica, e não faz diferença nem sua condição social nem sua idade. Se a mulher souber dessa característica e puder atingi-Ia, então o manancial da beleza e da divindade de Psiquê tornar-se-ão conscientes para ela, e uma evolução, cheia de nobreza, terá início.
Se a mulher for muito bonita, o problema será mais complexo. Marilyn Monroe é um bom exempIo. Foi excessivamente idolatrada, e mesmo assim nunca conseguiu manter um relacionamento bem-sucedido e duradouro. Por fim, não pôde mais suportar. Pessoas assim parecem ser as portadoras dessa condição de deusa, uma perfeição quase inatingível por não ter lugar no âmbito humano do relacionamento comum. É possível pôr em movimento a evolução necessária a Psiquê, se bem entendida a sua dinâmica.
Certa vez assisti a um filme em que dois pacientes de um manicômio, terrivelmente desfigurados, apaixonaram-se. Através da magia da fantasia, viam-se como seres infinitamente belos, e o amor entre eles floresceu. Ao término do filme, a câmara, focalizando suas faces, foi aos poucos desfocando as imagens até reaparecerem aqueles rostos deformados. Mas a platéia sabia onde ambos haviam estado: viram o deus e a deusa que habita cada alma, o que é mais poderoso do que a realidade exterior da desfiguração. Esse episódio mostra a

fratura existente entre o divino interior e o cotidiano exterior, que é o cerne de nossa história.

O CASAMENTO

Psiquê é a preocupação de seus pais, porque, enquanto as irmãs mais velhas estão casadas com reis de reinos vizinhos e vivem felizes, ninguém aparece para pedir-lhe a mão. Os homens só fazem adorá-Ia. O rei então vai consultar um oráculo, que por "acaso" é dominado por Afrodite. Cheia de raiva e inveja de Psiquê, Afrodite faz com que a resposta seja uma terrível profecia! A jovem terá de desposar a Morte, a mais horrenda e repulsiva das criaturas. A pobre moça é então levada ao alto de uma montanha, acorrentada a uma pedra e lá deixada para ser violada por essa criatura repugnante, a Morte.
Os oráculos, nas sociedades da Grécia antiga, eram inexoráveis, tidos como verdade absoluta. Portanto, os pais de Psiquê não questionaram a profecia e promoveram um cortejo nupcial à maneira de funeral. Seguindo meticulosamente as instruções, acorrentaram a filha à rocha no alto da montanha, onde se mesclaram rios de lágrimas, atavios de casamento e tristeza de morte. O rei e a rainha apagam as tochas e Psiquê é abandonada à sua sorte na escuridão.
Que podemos extrair disso? Psiquê está prestes a casar-se. O marido virá, sem dúvida, mas é uma ocasião trágica, porque o esposo é a própria Morte. Na verdade, a donzela realmente morre no dia de suas bodas: uma etapa de sua vida se extingue e ela morre para muitos aspectos femininos que vivera até então. Em certo sentido, o casamento representa um funeral para ela.
Muitas de nossas tradições matrimoniais são, na verdade, cerimônias funerárias, herdadas das culturas primitivas. Assim, o noivo, seu padrinho e alguns amigos raptavam a noiva, e as damas de honra encarregavam-se de salvaguardar sua virgindade. A "batalha", ritualisticamente, é levada a cabo, com a noiva chorando pela morte de uma etapa de sua vida, ou seja, a donzela está morrendo. As portas de uma nova vida abrem-se para ela, e as festividades são para celebrar um novo poder que ela conquistará como noiva e como matriarca.
Na verdade, não reconhecemos suficientemente o aspecto da dualidade no casamento, somente tentamos fazê-Io cor-de-rosa, alegre e feliz. Mas em algum momento deveríamos levar em consideração a parte que morre, deveríamos

honrá-Ia, pois do contrário as emoções vão aflorar mais cedo ou mais tarde, de uma forma inadequada. Algumas mulheres, por exemplo, poderão manifestar uma violenta repulsa com relação ao seu casamento, depois de passados alguns meses ou anos.

Certa vez vi uma estampa que representava a festa de um casamento turco, em que garotos de oito ou nove anos pulavam num pé só, com o outro amarrado na coxa. Tal costume era para lembrar aos convivas que a dor e a alegria estavam presentes, ao mesmo tempo.

Na África, a não ser que a noiva saia da noite de núpcias coberta de hematomas e feridas, e tenha sido raptada, o casamento não é nem válido nem real. Se o elemento sacrifício do matrimônio é homenageado, a alegria da união se torna possível. Afrodite não gosta que donzelas morram pelas mãos dos homens, pois não é de sua natureza ser submetida por um homem. Por essa razão, a Afrodite, em uma mulher que se casa, chora ao deixar de ser donzela. Ela representa seu papel paradoxal: quer o matrimônio, mas ao mesmo tempo ressente-se da perda da virgindade. Esses anos tão longínquos ainda jazem dentro de nós e são homenageados com propriedade nas cerimônias feitas com consciência.

Aqui, outra vez, observamos o paradoxo da evolução: é a própria Afrodite quem condena Psiquê à morte, mas também é ela a casamenteira que provoca o matrimônio ao qual ela própria se opõe. É ela também a que chora e range os dentes durante a cerimônia, pelas futuras perdas da liberdade, individualidade e virgindade da noiva.

O "empurrão" para a evolução, que o casamento traz, é acompanhado por um "puxão" regressivo, causado pela nostalgia da independência e da liberdade que a noiva gozava antes dele.

Uma vez vi uma tira humorística que conseguiu resumir com genialidade a força arquetípica do casamento. Retratava os pensamentos dos pais dos noivos durante a cerimônia: o pai da noiva, furioso com o tipo que teve a audácia de roubar-lhe a "princesinha" adorada; o do noivo, sentindo-se triunfante com a supremacia masculina da comunidade; a mãe da noiva, horrorizada com o bruto que estava levando sua criança para longe dela; a do noivo, também enfurecida, mas com a lambisgóia que seduziu e arrancou-lhe o filhinho.

Muitos dos arquétipos mais primitivos - aqueles padrões de pensamento e comportamento arraigados, incrustados no inconsciente da psique humana, ao longo de milhares de anos de evolução - estavam retratados nessa caricatura. Se não os respeitarmos, no seu devido tempo eles voltarão e poderão causar muitos problemas.

III - EROS

Para destruir Psiquê, como gostaria de fazê-Io, Afrodite pede ajuda a seu filho, Eros, o deus do Amor. *Eros, Amor* e *Cupido* são os vários nomes dados ao deus do amor. Já que Cupido foi reduzido às ilustrações de cartões do Dia dos Namorados e Amor foi despojado de sua dignidade, vamos usar o nome de *Eros* para esse nobre deus.
Eros leva a tiracolo a aljava com suas flechas e põe a perder todos do Olimpo; nem os deuses escapam de seu poder, até mesmo Zeus, pois essas flechas podem levar a confusão às mais altas hierarquias. Não obstante, é dominado pela mãe, que lhe ordena inflamar de amor o coração de Psiquê pelo monstro hediondo que viria reclamá-Ia, para assim acabar de vez com o desafio que a jovem representava para ela. Uma das características de Afrodite é ser constantemente regressiva, é querer as coisas exatamente como estavam antes. Ela quer que a evolução caminhe para trás; é a própria voz da tradição e, ironicamente, é exatamente esta tendência que impulsiona nossa história para sua real evolução. Podemos analisar Eros sob vários pontos de vista: como o homem exterior, o marido ou o homem em qualquer relacionamento, como o homem interior, ou seja, o *animus* da mulher, a sua masculinidade interior. Ou também podemos vê-Io como o princípio da união e harmonia, que é o clímax de nossa história. Eros não é apenas a sensualidade, bastando lembrar que suas flechas têm por alvo o coração, não os genitais. No decorrer do mito, abordaremos esses aspectos de Eros.

O CASAMENTO DA MORTE

Eros obedece às ordens da mãe, mas ao bater os olhos em Psiquê, acidentalmente espeta o dedo em uma de suas flechas. No mesmo instante apaixona-se perdidamente por ela e decide torná-Ia sua esposa. Pede ao Vento Oeste, seu amigo, que a carregue, suavemente, montanha abaixo, até o Vale do Paraíso. E Psiquê, que esperava a Morte e agora se vê, ao invés, no paraíso da

Terra, não faz qualquer pergunta a Eros, inebriada que está com sua inesperada boa sorte. Ao ver-se pousando numa sala de alabastro, com música e servos, é claro que ela não faz perguntas, pois já fora suficiente haver sido salva da morte. Não quer nem precisa de nenhuma explicação por ora.
Apesar de belo, Eros vem a ser a morte para Psiquê. Todo marido é a morte para a sua esposa, porque representa a destruição da donzela que ela ainda é e a impele na direção da maturidade, como mulher. É paradoxal, mas podemos sentir ao mesmo tempo gratidão e ressentimento em relação a quem nos força a palmilhar nosso próprio caminho de crescimento.
O oráculo tinha razão, pois o homem é a morte para a mulher, no sentido arquetípico. Ao perceber um olhar angustiado no rosto de sua mulher, é hora de o marido ser suave e cauteloso; talvez ela esteja acordando para o fato de estar morrendo um pouco como donzela. Ele facilitaria muito as coisas para ela sendo gentil e compreensivo.
Raramente o homem entende que o casamento é morte e ressurreição para a mulher. É que o homem não tem o mesmo parâmetro em sua vida, pois falta-lhe no casamento a característica sacrificial que este tem para a mulher. Um dia, a esposa poderá olhar seu marido com pavor, ao dar-se conta de que está subjugada ao casamento, enquanto ele, não. E muito mais subjugada se houver filhos; poderá ressentir-se, mas deixar de passar por esse sentimento talvez seja algo pior que a morte.
Existem mulheres de cinqüenta anos que nunca estiveram na montanha da Morte, apesar de já serem avós. Isso não significa que o frescor virginal esteja fora de alcance nessa idade. Por outro lado, existem garotinhas de dezesseis anos que passaram pela experiência da montanha, sobreviveram a ela e mostram no olhar uma desconcertante sabedoria.
Essas coisas acontecem independentemente da idade. Conheci uma menina de dezesseis anos que teve um bebê "fora de hora" e recolheu-se para tê-lo em privacidade. Uma vez nascido, deu-o em adoção, sem ao menos haver olhado para ele. Voltou como se nada tivesse acontecido, ou seja, passou em branco pela experiência da montanha da Morte. Depois de muitos anos, veio a casar-se, e se alguém pudesse ser adjetivada de "virginal", esse alguém era ela. Psicologicamente, não fora atingida, ainda que tivesse dado à luz um filho.
Eros extermina a ingenuidade e a inocência pueril da mulher, o que pode dar-se em qualquer época de sua vida, não exatamente por ocasião do matrimônio. Muitas garotas passam por essa experiência muito cedo na vida, o que é doído; em contrapartida, outras jamais chegam a experimentá-Ia.
A experiência do casamento é diferente para o homem e para a mulher: ele vê acrescentado algo à sua estatura, seu mundo torna-se mais forte, escala um

degrau, portanto, em estatura e posição. E geralmente não entende que está matando Psiquê dentro de sua esposa; no entanto, é algo que ele deve mesmo fazer. Se ela se comporta de maneira estranha, ou se acontece alguma coisa irremediavelmente errada, ou ainda se houver muitas lágrimas, dificilmente ele vai compreender que a experiência de ambos é muito diferente. A mulher também consegue uma nova estatura em seu casamento, mas não antes de haver passado pela experiência da montanha da Morte.

O JARDIM DO PARAÍSO

Psiquê vê-se num paraíso magnificente. Tem tudo que alguém possa desejar. Seu marido-deus, Eros, vai ter com ela todas as noites, mas faz-lhe algumas restrições: arranca-lhe a promessa de que nunca vai olhá-Io nem fazer perguntas sobre seus atos. Ela poderia ter qualquer coisa que quisesse, viveria em seu paraíso, desde que não o olhasse nem tentasse saber quem era ele. Psiquê concorda, sem discutir. Afinal, quer ser sua esposa e fazer tudo que ele desejar. Quase todos os homens querem exatamente isso da esposa. Se ela não fizer questão da consciência e proceder em tudo ao jeito dele, reinará na casa uma paz perfeita. Ele quer, na verdade, manter o velho sistema patriarcal do casamento, em que o homem tem o poder de decisão sobre todos os assuntos importantes, a mulher diz amém e a harmonia reina. A maioria dos homens acalenta a esperança de que as coisas aconteçam dessa forma, e, por algum tempo, realmente existe a possibilidade de que o casamento assim seja.
São esses os ecos de uma estrutura patriarcal primitiva, quando a mulher era subjugada pelo homem. Ainda existem alguns resquícios desse mundo patriarcal em nossos costumes, como, por exemplo, a mulher carregar o sobrenome do marido. Eros insiste em que ela não lhe faça perguntas nem o veja: são essas as condições do casamento patriarcal. Como Psiquê concorda, vivem no paraíso. Todo Eros imaturo é um fazedor de paraísos. É típico do adolescente arrebatar uma jovem prometendo-lhe a felicidade para todo o sempre. Eis o Eros ao nível secreto; ele quer seu próprio paraíso, mas não aceita nem a responsabilidade nem o relacionamento consciente. Há uma pitada disso tudo em todo homem. A necessidade de evolução e crescimento - no mito, a maior parte do crescimento advém do elemento feminino, seja da *anima* ou da mulher representa experiências terríveis para o homem. Ele simplesmente quer ficar no paraíso.

Observe os enamorados enquanto estão construindo o paraíso! Tanto a conversa quanto o vocabulário pertencem a um outro mundo, ao mundo paradisíaco. É uma pré-estréia do paraíso que será alcançado muito tempo depois, e com bastante trabalho. Ninguém pode criticar tal pré-estréia, mas um espectador já sabe, à primeira vista, que o paraíso não é nem estável nem duradouro. Todos os paraísos são suspeitos; não funcionam muito bem. É a criancice de Eros (o *puer eternus)* que necessita deles.

Há alguma coisa no inconsciente do homem que o leva a desejar um acordo com sua mulher, para que ela não o questione. Freqüentemente o desejo do marido, no casamento, é que ela deva estar em casa, esperando-o, até que ele chegue, e de modo algum deverá ser-lhe um estorvo. Ele quer sentir-se livre para esquecê-Io quando quiser focalizar sua atenção em qualquer outro assunto. É grande o choque da mulher quando descobre tal postura no seu homem. O casamento é uma total entrega para a mulher, o que não acontece com o homem. Recordo-me de uma senhora que me contou haver chorado por dias quando descobriu que seu casamento era apenas um aspecto na vida de seu marido, enquanto para ela era o evento primordial de sua vida. Descobrira em seu marido a natureza de Eros-fazedor-de-paraísos.

PARAÍSO PERDIDO

Todo paraíso tem sua queda, todos têm sua serpente que traz o oposto da paz e da tranqüilidade do Jardim do Éden.

E logo a serpente também aparece no paraíso de Psiquê, na forma de suas irmãs, que estiveram lamentando sua perda - se bem que lá sem muita convicção. Souberam que Psiquê estava vivendo num jardim paradisíaco e que tinha por marido um deus. A inveja delas não conhecia limites. Vão até o penhasco onde a jovem fora acorrentada e chamam por ela, que está lá embaixo, no jardim, para saber como está passando e também para desejar-lhe seus melhores votos. Psiquê, candidamente, conta tudo a Eros, que a adverte várias vezes sobre o perigo que ela estava correndo. Diz-lhe que se ela desse ouvidos à curiosidade de suas irmãs poderia acontecer-lhe um verdadeiro desastre. Ou seja, Psiquê deveria continuar a manter-se submissa e obediente. Também lhe diz que se continuasse sem fazer-lhe perguntas, a criança que trazia no ventre seria um varão, um deus imortal. Se, porém, quebrasse seus votos, nasceria uma menina que não passaria

nunca de uma mortal comum. E, para coroar, ele, Eros, a abandonaria. Psiquê ouve-o atentamente e resolve não perguntar-lhe nada.
Mas suas irmãs voltam e finalmente a jovem consegue dele permissão para que as moças a visitem. Então elas são carregadas por uma rajada do Vento Oeste do penhasco e colocadas sãs e salvas no adorável jardim. Ficam encantadas com tudo que vêem e são tratadas com toda a deferência. Claro que se remoem de inveja e ciúmes por tudo que acontece à irmã caçula. Submetem-na a uma saraivada de perguntas e Psiquê, em sua ingenuidade, retrata seu marido através de sua própria fantasia, pois jamais havia posto os olhos nele. Dá pilhas de presentes finíssimos às irmãs e as manda de volta para casa.
Eros não se cansa de preveni-Ia, mas apesar de tudo as irmãs voltam. Desta vez, esquecida do que lhes havia dito antes a respeito do marido, conta-lhes outras fantasias. Uma vez em casa, as duas discutem esses pontos controvertidos e tecem um plano diabólico. Numa terceira visita, dizem à coitada que ela estava mesmo era casada com uma serpente, uma criatura asquerosa, que tinha planos para devorá-Ia e ao recém-nascido.
Mas, também, como eram tão caridosas, haviam preparado um plano para salvar a pobrezinha da irmã desse tenebroso destino. Aconselham-na a tomar de uma lâmpada, escondê-Ia sob uma redoma e deixá-Ia à mão em sua cabeceira. Deveria também armar-se da faca mais afiada que pudesse encontrar e colocá-Ia a seu lado, na cama. Assim, no meio da noite, quando seu marido estivesse dormindo pesadamente, ela o exporia à lâmpada para ver, pela primeira vez, aquela repugnante criatura e poder, então, cortar-lhe a cabeça. Psiquê cai na trama delas e prepara-se para desmascarar tão terrível marido.
Eros vai para a cama à noite e adormece ao lado da jovem. Ela então levanta-se, retira a redoma, empunha a faca, debruça-se sobre o marido e olha-o pela primeira vez. Para sua surpresa e deslumbramento, mas cheia de sentimento de culpa, descobre o deus, o deus do amor, a mais bela criatura de todo o Olimpo! Vê-se presa do terror, tremendo dos pés à cabeça, e chega a pensar em matar-se pelo erro cometido. Desajeitada, derruba a faca e, no afã de pegá-Ia, acidentalmente espeta o dedo em uma das flechas de Eros e apaixona-se perdidamente pelo marido, que acabara de ver pela primeira vez.
Afasta a lâmpada bruscamente e uma gota de óleo quente cai no ombro direito de Eros, que acorda com a dor. Dá-se conta do que sucedera e, como é dotado de asas, voa para bem longe. A infeliz Psiquê agarra-se a ele e é levada por tempo suficiente para sair do jardim paradisíaco. Mas não agüenta muito mais e cai em terra exaurida e desolada. Eros pousa perto dela, acusa-a de lhe haver desobedecido e quebrado a promessa feita. E agora, como já havia sido avisada, a criança por nascer seria menina e, ainda por cima, mortal. Ela também seria

punida com seu afastamento. Ato contínuo, voa para longe, para sua mãe, Afrodite.

O DRAMA MODERNO

Eis um drama encenado e reencenado à exaustão em muitos casamentos. Que nos está dizendo essa linguagem arcaica, poética e mítica a respeito da mulher e seu relacionamento com o homem - tanto interior quanto exterior?
As irmãs são aquelas vozes rabugentas, que resmungam sem parar, dentro de cada um, executando a dupla tarefa de destruir o velho e trazer a consciência do novo. Os mexericos são o cenário ideal para as irmãs tecerem suas tramas destrutivas. Elas estão sempre levando a cabo seu duplo dever: desafiar o velho mundo patriarcal e obrigar todos a se conscientizarem, o que aliás poderá custar muito mais do que elas poderiam imaginar. Estamos sujeitos a pagar o preço que Prometeu pagou para obter a consciência que tão corajosamente exigimos.
As irmãs perguntadoras constituem um espetáculo aterrador, pois, apesar de serem os arautos da consciência, também representam um estágio de evolução perigoso, porque se nele permanecer a mulher tornar-se-á destrutiva para o resto da vida. Destruirá tudo aquilo que o homem tentar construir. Mas ela também poderá ficar acorrentada à montanha da Morte por toda a vida, e a imagem que terá do homem será distorcida, passando a vê-lo sempre como terrível portador de catástrofes.
A mulher está sujeita a passar pelas mais desnorteantes experiências no seu relacionamento com o parceiro. Ele tanto é o deus quanto a morte no penhasco; é aquele desconhecido do paraíso, mas também o empecilho quando ela exige consciência. E, finalmente, é o deus do amor que a espera, no ápice do Olimpo, quando ela se torna uma deusa. Tudo isso é simplesmente muito complicado para o homem. Não é à toa que, quando chega em casa, dá uma paradinha, antes de entrar, para decidir que papel vai ter de desempenhar. Acrescente-se a tudo isso seus próprios envolvimentos com sua *anima,* e teremos uma história bem complexa - mas também muito linda.
As "irmãs" representam a demanda para um estágio evolutivo, que vem por uma fonte inesperada. Elas podem muito bem ser a sombra de Psiquê. Jung descreve os elementossombra de uma personalidade como aquilo que foi reprimido, ou, ainda, facetas não vividas dentro da potencialidade global de um indivíduo. Seja

por não receberem a devida atenção, seja por não serem devidamente trabalhados, esses elementos permanecem arcaicos ou tornam-se escuros e ameaçadores. Essas potencialidades, que podem ser canalizadas para o bem ou para o mal, apesar de reprimidas, ficam no inconsciente armazenando energia. Até que, finalmente, irrompem arbitrariamente em nossa vida consciente, da mesma forma que as irmãs de Psiquê surgiram em sua vida, num momento crítico.

Se, conscientemente, só nos virmos como criaturas puras, adoráveis e gentis, como o fez Psiquê, então estaremos subestimando nosso lado escuro, que acabará por emergir e impulsionar-nos para fora desse estado de auto-satisfação, desse paraíso ingênuo, na direção de novos descobrimentos sobre a nossa verdadeira natureza.

Jung disse também que a necessidade de expandir a consciência muitas vezes parte da sombra. Assim, as irmãs, essas facetas pouco agradáveis e imperfeitas de Psiquê, servemlhe muito bem.[3]

IV - A CONFRONTAÇÃO

Eros faz o possível para manter Psiquê na inconsciência; prometeu-lhe o paraíso se ela não o visse nem o questionasse. Foi esse o caminho que buscou para subjugá-Ia.

É freqüente a mulher viver algumas etapas de sua vida sob o jugo do homem em sua vida exterior; mas tem de estar sempre alerta para evitar submeter-se ao homem interior, ou seja, o *animus.* A crônica da vida de uma mulher pode ser descrita em sua luta para evoluir em relação ao princípio masculino de vida, seja encontrando-o fora de si mesma, na figura de um homem, ou dentro de si, através do *animus.* O mesmo pluralismo existe na vida do homem, quando ele tenta conseguir um relacionamento inteligente com o princípio feminino de vida, quer o encontre numa mulher, quer na heróica batalha com sua mulher interior, sua *anima*. Dentro ou fora, esse é o grande drama da vida.

Apesar de serem infinitas as variações que constróem a individualidade da vida, o chegar-a-um-acordo com o elemento masculino tem um roteiro previsível. Provavelmente, o primeiro contato de uma jovem com a masculinidade foi-lhe

proporcionado pelo pai. Depois, veio a masculinidade como devoradora, no seu casamento com a Morte, e, em seguida, por meio de Eros, que lhe promete o paraíso mas com a condição de não lhe fazer nenhuma pergunta. Mais tarde, verá como ele é realmente, ou seja, o deus do amor. Vivenciando esse drama, interior ou exteriormente, despendemos tanta energia consciente...
Se tivermos oportunidade de examinar a autobiografia de uma mulher, vamos observar capítulos eletrizantes: como ela se apaixonou, a descoberta e a perda do jardim paradisíaco e, queira Deus, sua redescoberta - maravilhoso, exatamente como lhe fora prometido um dia -, na chegada de sua maturidade.
O céu-na-terra, no período do namoro, que é exatamente o jardim paradisíaco, nos atrai. Ali Psiquê se vê no mais adorável e tranqüilo dos paraísos, onde até seus menores desejos são satisfeitos. O próprio Jardim do Éden, o lugar de perfeição. Desejamos de todo o coração que dure para todo o sempre, mas todo jardim - como já vimos antes - tem a sua serpente, ou um elemento-sombra, que abruptamente acaba com a tranqüilidade.

---

3. C. S. Lewis trata esse aspecto do mito com genialidade - a identificação ingênua de Psiquê com sua própria capacidade de ser agradável, e as reações, não tão agradáveis, das irmãs - em seu livro *Till we have faces.* (N. *A.)*

AS FERRAMENTAS

A sombra obriga a mulher a questionar o jardim paradisíaco e dá-lhe algumas ferramentas maravilhosas, mas ao mesmo tempo terríveis para usar em seu propósito: a lâmpada e a faca, esta um símbolo masculino.
A lâmpada, de início velada, significa sua habilidade para ver o que quer que seja, representa sua capacidade para conscientizar-se. A luz sempre foi o símbolo da consciência, esteja ela nas mãos do homem ou da mulher. A consciência natural da mulher é ímpar e bela: a lâmpada. Ela queima o petróleo ou o azeite e dá uma luz particularmente cálida e suave, sem aquela forte intensidade da luz solar. É o doce calor feminino, que se faz presente na natureza dessa luz. *Lumina Naturae* é um de seus nomes.
A faca é bem afiada. Das duas ferramentas, Psiquê só faz uso da primeira, jamais

da segunda, e penso que esse é um sábio conselho que nos dá o mito. A mulher, ao trazer luz a uma situação, produz verdadeiros milagres; se, por outro lado, empunhasse a faca, poderia matar. Transformar ou matar? Eis uma escolha crítica, especialmente para a mulher moderna.

Se a faca vier primeiro, provavelmente haverá muito perigo, mas, se em seu lugar for usada a lâmpada, haverá a possibilidade de crescimento e manifestação de inteligência. A faca serve só para o uso pessoal, para o discernimento, para a clareza, para abrir caminho através do nevoeiro. Para uso interno. Se ela puder lembrar-se de usar a lâmpada em primeiro lugar, durante os períodos difíceis do casamento, saberá escolher entre usar ou não a faca. Se optar efetivamente pela lâmpada, saberá onde usá-Ia. Só que, na prática, a faca vem primeiro e só depois é que ela toma a lâmpada para ver o estrago que causou.

A faca é aquela capacidade destruidora que a mulher tem para afogar o homem com uma torrente de palavras. É o comentário cáustico que faz do homem um pedaço de carne no espeto. É essa também a forma como a *anima* do homem - seu lado feminino - age com ele, quando o relacionamento de amor deixa muito a desejar. É cortante e sarcástica; vem de faca na mão. A recomendação de usar a lâmpada, e não a faca, aplica-se igualmente à *anima* masculina e à mulher.

Se a mulher souber manejar bem suas ferramentas, produzirá o milagre da transformação - nada menos que a anunciação de um deus, Eros em sua luz real. Ela vai poder sentir-se perfeitamente bem por sua luz ter produzido o milagre. Podemos verificar que quando um homem anseia por uma mulher - um anseio quase que silencioso -, é pela necessidade que sente de sua lâmpada para mostrar a si próprio - e a ela também - sua real natureza e sua divindade. Toda mulher detém nas mãos esse maravilhoso-terrível poder.

Mas que é a lâmpada e que mostra ela? Na pior das hipóteses, ele fica sabendo quem é e que também tem um deus dentro de si. Um ser magnífico, em algum lugar dentro dele mesmo. E quando a mulher acende a lâmpada e vê o deus nele, ele se vê obrigado a manterse à altura dessa condição recém-descoberta, precisa manter-se firmemente estruturado em sua consciência do masculino. É obvio que ele treme! Ainda assim, parece necessitar desse reconhecimento feminino.

Coisas horríveis acontecem aos homens quando privados da presença feminina - dentro ou fora -, pois parece que é essa presença que lembra a ele o que tem de melhor.

Durante a Segunda Grande Guerra, alguns grupos isolados de soldados ficaram sediados nas Aleutas, por dificuldade de transporte para resgatá-los. Estavam privados de descanso e relaxamento. Nenhum dos shows, que usualmente entretêm os soldados, sequer chegou perto deles. Mais da metade dos homens estava sofrendo de colapso nervoso; não se barbeavam, não cortavam o cabelo

nem faziam qualquer coisa para melhorar seu moral. Simplesmente porque lá não havia nenhuma mulher, ou seja, nenhuma Psiquê olhando para Eros para lembrar-lhes suas qualidades.
Quando um homem chega ao ponto de sentir-se desencorajado, um simples olhar feminino pode induzi-lo a restaurar seu senso de valor. Parece haver aqui um estranho vácuo na psicologia masculina. A maioria dos homens consegue seu auto-preço através de uma mulher: esposa ou mãe. Se ele for altamente consciente, porém, o extrai de sua própria *anima.* A mulher vê e mostra ao homem seu valor ao acender a lâmpada.
Certa vez, estava eu bem no meio de uma batalha familiar, vendo uma mulher a brandir sua faca. Em meio à lista dos pecados mortais do marido, lá estava a acusação de que ele conseguia sempre chegar atrasado em casa depois do trabalho. Ao que ele respondeu: "Será que você ainda não entendeu que fico naquela droga de escritório exatamente por sua causa, para poder conseguir dinheiro e sustentar a família?" A esposa desmontou; conseguira ouvir algo. Imediatamente a lâmpada substituiu a faca. E ele continuou: "Eu não iria ao escritório não fosse por você. Detesto aquilo. Só vou trabalhar por você e pelas crianças!" De repente aquele casamento ganhou uma nova dimensão por ter a esposa usado a lâmpada e olhado para ver o que ele era. E devo dizer que gostou muito do que viu.
O homem depende bastante da mulher pela capacidade que ela tem de trazer a luz para a família, pois ele não consegue bem encontrar um significado real para si mesmo. A vida é muitas vezes sem graça e estéril para ele, a não ser que alguém lhe confira um significado maior de vida. Em poucas palavras a mulher pode dar uma razão para a luta diária do homem, e ele lhe será então profundamente grato. O homem sabe e quer que assim seja, e até faz todo o possível para que aconteça, porque isso vai incentivá-Ia a dar-lhe um pouco de luz. Quando ele chega em casa e conta à esposa todos os acontecimentos do dia, na verdade está pedindo a ela que lance um pouco de luz para que ele possa entender o significado de tudo que passou. Ser a portadora da luz é uma das qualidades femininas.
O facho de luz ou a luz do conhecimento é abrasador. Leva o homem a tomar consciência do que o faz temer, tantas vezes, o feminino. Em sua maioria esmagadora, os homens, quando se comportam como" galo garnisé", o que estão fazendo é um esforço absolutamente inútil para esconder seu medo do feminino. Grande parte da tarefa de uma mulher é guiar o homem para que o relacionamento entre eles atinja um outro nível de consciência. É quase sempre ela que propõe: "Que tal nos sentarmos para analisar em que pé estamos?" Ela é aquela que leva o relacionamento de ambos ao crescimento. É exatamente do

que ele tem medo, se bem que tema muito mais perdê-Io.
É fácil entender a função ou o significado do azeite da lâmpada de Psiquê. São dois aspectos: o azeite no sentido de engraxar, suavizar as situações difíceis, e também no sentido de "ser fervido em óleo". O azeite mantém a luz mas também queima Eros. Os homens, em sua falta de clareza na análise do feminino, sentem dificuldade em separar esses dois aspectos.
Um velho patriarca judeu, muito falastrão, foi ver-me queixando-se da falta de vida em sua casa. Os filhos se haviam ido, ele estava aposentado, e a tristeza se havia estabelecido em seu lar, minando-o. Senti o que estava errado e perguntei-lhe sobre as cerimônias em sua casa: "Ah! já deixamos isso de lado há séculos; não têm nenhum sentido!" Sugeri-lhe que pedisse a sua esposa que acendesse as velas do *sabbath* na sexta-feira seguinte.[4] Ao que ele me respondeu: "Besteira!" Mas eu insisti e me pus a pensar no que iria ele contar-me na próxima semana, quando voltasse. "Eu não sei o que aconteceu, mas quando pedi à minha mulher que acendesse as velas do *sabbath,* ela caiu no choro e fez o que eu lhe pedi: "Minha casa passou a ficar diferente desde esse dia!"
Duas coisas sucederam: a cerimônia fora restaurada naquele lar e a mulher pudera cumprir sua antiga função de ser a portadora da luz, a lâmpada de luz suave que aquece, anima e dá significado às coisas. A mulher dá à luz.
O simbolismo da lâmpada no mito aponta direto para essa qualidade feminina de ser a portadora da luz. Nos mistérios de Elêusis são elas que geralmente carregam as tochas que espalham uma forma de luz bem feminina. A tocha ilumina com suavidade o ambiente, mostrando com precisão o próximo passo a ser tomado. Não é igual à luz cósmica e masculina do Sol, que ilumina tudo ao mesmo tempo e pode ofuscar.
Poucas são as mulheres que comprendem a grande necessidade que os homens têm de estar perto da feminilidade. Tal necessidade não pode ser vista como sendo um peso para elas, e nem precisam suportar essa carga por toda a vida. À medida que o homem descobre sua própria feminilidade interior passará a não depender tanto da mulher exterior para obtê-Ia.
Se ela quiser dar-lhe o mais precioso dos presentes, se realmente quiser preencher as necessidades masculinas - uma coisa que ele raramente vai admitir, mas que está sempre presente -, terá de ser muito feminina quando seu homem estiver pedindo - silenciosamente essa qualidade tão cara. Principalmente quando ele tornar-se presa de humores é que vai precisar, e muito, da real feminilidade da mulher, para que possa catar os cacos e fazer-se homem novamente.

4. Num lar judeu ortodoxo o *sabbath* tem início ao pôr-do-sol da sexta-feira. É de praxe que a mulher acenda as velas. (N. A.)

V - AMOR OU ESTAR APAIXONADO

Afrodite completou sua tarefa de expansão de consciência, mas de que forma! À primeira vista, por intermédio de um amontoado de estragos e erros aconteceu uma história de evolução! Afrodite, bendita alma pouco honesta, por ciúmes envia Psiquê a seu casamento fatal com um monstro horripilante, no cume da montanha. Não contente com isso, recorre ao filho, o deus do amor, para arranjar o casamento. Mas Eros, quando vai cumprir as ordens da mãe, espeta acidentalmente o dedo em uma de suas flechas de amor e apaixona-se perdidamente por Psiquê. Depois, num terrível momento de revelação, quando acende a lâmpada para ver um suposto marido demoníaco, Psiquê também fere o dedo em uma dessas flechas e apaixona-se pelo deus do amor!
Que característica é essa de "estar apaixonado" que parece ter o poder de pôr de lado os ditames do destino e produzir tais milagres? Faz-se necessário diferenciar *amor* e *estar apaixonado*, antes de começar a deslindar esse mistério. Amar alguém é uma experiência humana que une dois seres de uma forma também humana. É ver a pessoa como ela é na realidade e gostar dele ou dela por sua maneira comum de ser, com suas falhas mas também com toda a magnificência de sua personalidade humana. Se algum dia nos pudermos desfazer da cortina de fumaça das projeções que vivemos, e olhar verdadeiramente para o outro, nos daremos conta de como pode ser maravilhosa a criatura terra a terra. O problema é que estamos cegados por nossas próprias projeções; raramente conseguimos ver com clareza e profundidade o outro ser - homem ou mulher.
Esse amor é durável e mantém-se firme dentro das experiências do dia-a-dia. Um amigo o descreve de uma maneira adorável: "Mexer o mingau de aveia do amor". O amor se realiza nos fatos e acontecimentos corriqueiros e não necessita de uma dimensão extrapessoal.[5]
Amar é encarar o outro da maneira real, simples, como o ser humano que de fato

é. Amar nada tem de ilusório; é ver o indivíduo, vê-Io, mas não através de um determinado papel ou imagem que tenhamos planejado para ele. É dar valor à individualidade daquela pessoa, dentro do contexto do mundo comum.
Quando alguém se apaixona, alcança um nível supra-humano de experiência, e é instantaneamente elevado ao reino divino, onde todos os valores humanos são superados. É assim como se de repente fôssemos envolvidos por um tufão e atirados num reino onde todos os valores são calcinados. Por exemplo, se a corrente elétrica do *amor* fosse de 110 volts, a do *estar-apaixonado* seria de 100000, uma corrente de energia supra-humana, impossível de ser contida em limites domésticos. *Apaixonar-se* pertence a deuses e deusas, está muito além do tempo-espaço.
De repente, vê-se no ser amado um deus ou uma deusa, e através dele - ou dela vislumbra-se um estado além do pessoal. São sensações explosivas e inflamadas, uma verdadeira loucura divina.
Ao observarmos um casal apaixonado olhando um para o outro, vamos perceber muito bem que eles estão "olhando através". Cada um deles está apaixonado por uma idéia, uma imagem, um ideal ou ainda uma emoção. Estão apaixonados pelo amor. As mulheres são psiquê vendo o ser amado mais como Eros, o deus do amor, do que como o homem que elas conhecem e poderiam amar pelo que ele é.
Mas tem uma coisa no *estar-apaixonado,* é que não dura. Um belo dia, a fulgurante imagem do ser amado - que antes pairava com radiante beleza diante dos olhos do enamorado, ou enamorada - torna-se banal, sem graça. A virtude transpessoal e divina apagase e surge o ser simples e comum. Eis aí um dos sentimentos mais tristes e mais doídos da vida. O *estar-apaixonado* é a visitação de algo divino.

---

5. Para maiores esclarecimentos sobre o tema, ver *WE,* do mesmo autor, Editora Mercuryo, São Paulo, 1987.(N. T.)

Portanto, que nos está dizendo o mito? O deus do amor, ele próprio é picado por uma de suas flechas e se apaixona por uma mortal. Mas não é difícil para o próprio deus do amor ser tomado de assalto pelo *estar-apaixonado,* porque isso faz parte de sua natureza. Porém, quando um simples mortal, de repente, é ferido pela flecha fatal e se apaixona, então o caso se torna mais sério.
Dizem que Psiquê foi o primeiro ser mortal que chegou a ver um deus em todo o

seu esplendor e viveu para contar a experiência. Eis o cerne de nossa história: uma simples mortal apaixona-se por um deus, consegue manter-se leal à sua condição humana e, ao mesmo tempo, é fiel a seu amor. O final sublime do mito é conseqüência dessa lealdade a si própria e ao amor.
Vamos fazer um teste: imagine que, por qualquer motivo, a humanidade haja desaparecido da face da Terra, menos você e uma outra pessoa. E você vai tentar encontrar essa tal pessoa, ao longo do dia. Sinta o quanto ela significa para você, dadas as circunstâncias. Essa sensação nem pode ser comparada à do "mexer-o-mingau-de-aveia-doamor", que é durável, que consegue manter a estabilidade de um lar.
Se há vinte anos alguém me tivesse dito que um dia eu estaria equiparando amor a estabilidade, com certeza eu ficaria chocado e muito bravo. Mas suponho que tal mudança seja própria da meia-idade, que traz seus lampejos de sabedoria.
Tanto Eros quanto Psiquê tiveram o dedo picado pela flecha mágica e instantaneamente foram transportados ao reino do *estar-apaixonado.* Na seqüência, milagres e, inevitavelmente, muito sofrimento. Psiquê é resgatada de seu casamento com a Morte; Eros é desmascarado e mostra-se um deus; Psiquê é banida de seu paraíso; Eros voa de volta para a mãe, cheio de dor. A experiência do *apaixonar-se* consegue mesmo acabar com a tranqüilidade; mas, de outra parte, cria uma energia muito forte que vai gerar evolução.
Antigamente, a experiência de ser tocado pelos deuses tinha lugar no contexto religioso. Nós, os modernos, relegamos a religião a um plano secundário em nossas vidas. Hoje, raramente ouvimos alguém contar que foi profundamente atingido por um êxtase místicoreligioso. A religião foi esfriada na cultura ocidental. Mesmo as pessoas que ainda se agarram às formas tradicionais religiosas, quase nunca são movidas ou alimentadas intensamente por elas. Não mais são sacudidas por intensas sensações dentro de sua vida espiritual.
Temo que a sensação profunda da visão interior do esplendor e da grandiosidade de um deus esteja sendo substituída, confundida com um mero "apaixonar-se" , noção peculiarmente ocidental.
Parece que a única forma de as pessoas comuns serem atingidas pelos deuses, nos nossos dias, é por intermédio do romance. Apaixonar-se é a experiência de olhar através daquela pessoa em particular e ver o deus ou a deusa que está nela. Não é à toa que nos tornamos cegos instantaneamente quando nos apaixonamos. Passamos reto pela pessoa amada, no seu aspecto humano, e vamos direto a algo muito maior.
Psicologicamente falando, isso significa que antes da época do nosso mito, se alguém atingisse um arquétipo, fatalmente seria desintegrado. O mito mostra que a partir de Eros e Psiquê, e sob certas circunstâncias, quando simples mortais

passassem por uma experiência arquetípica poderiam sobreviver a ela, mas sofreriam uma mudança radical.
Creio ser essa a pedra de toque de nossa história: um mortal alcança uma dimensão supra-humana e vive para contar a história. Neste contexto, é possível ver não só o que significa ser trespassado pelas flechas do deus do *estar-apaixonado*, como também a profundidade dessa experiência, com todas as interpenetrações dos mais diferentes níveis que ela envolve. Essa é a incrível, a explosiva experiência do *apaixonar-se.*
Os asiáticos não têm a tradição do *apaixonar-se.* Entram em seus relacionamentos com tranqüilidade, sem dramas, aparentando serem intocáveis com relação às flechas de Eros. Os casamentos são arranjados.
Tradicionalmente, o homem não vê a noiva antes do final da cerimônia, quando as guirlandas são levantadas. Aí ele a leva para sua casa e segue um padrão cuidadosamente prescrito para recém-casados. Ele concentra e guarda a energia que experimentamos quando estamos apaixonados, para despendê-Ia no templo, com os deuses e deusas, que lhe dão este grande poder.
Então, nossa história fala de uma mulher que foi tocada por algo muito além da experiência humana. O resto do mito nos vai esclarecer como ela conseguiu sobreviver a este toque divino.

VI - A DESPEDIDA DE EROS

Quando a lâmpada de Psiquê desvelou a divindade de Eros, fê-Io sofrer muito, causoulhe dor profunda. O paraíso havia acabado, pois ficou patente quem era ele na realidade - não o deus do casamento mortal nem o fazedor de paraíso, mas a própria encarnação do amor. E isso foi mais difícil e mais doloroso do que descobrir nele um impostor, ou, pelo menos, alguém pior do que ele próprio havia prometido. É espantoso que a melhor das possibilidades possa chegar a ser tão doída! Embora seja totalmente inesperado, isso vem a ser verdadeiro em muitas situações na vida. Certa vez, uma professora que tive contou-me uma passagem que posso usar para ilustrar esse ponto: um jovem muito agitado chegou para um controle, depois de seis semanas de análise, dizendo: - Toni, é muito horrível! Como, quais são as más notícias? - perguntou Toni, aflita.
- Não me pergunte; é tenebroso!
- Me conte, por favor me conte!

- Toni, minha neurose desapareceu, e que é que eu vou fazer agora?
A moral da história é transparente: perder uma velha forma de adaptação é má notícia, mesmo quando substituída por outra muito, mas muito melhor. Tanto Eros quanto Psiquê ficam profundamente feridos quando desponta para ambos uma nova etapa de evolução, embora muito superior à anterior.
Que ironia! No instante em que alguém se apaixona, é bom que saiba que o ser amado é encarado como um ser absolutamente único e, por conseqüência, inatingível. Aí dá-se conta da distância, da separação e da dificuldade de relacionamento. Também pode advir um terrível sentimento de inferioridade, tanto no homem como na mulher, quando descobrem que seu companheiro, ou companheira, é um deus ou uma deusa. Solidão e isolamento se seguem.
Eros sustenta sua ameaça: Psiquê dará à luz uma menina mortal ao invés de um menino-deus, e ainda por cima será abandonada por ele. Portanto, a condição humana, comum, vem a substituir o jardim paradisíaco.
Quando isso se manifesta no mundo exterior, nos primeiros tempos do casamento, é quase certo que vai transformar-se num triste drama. É quando ela descobre que, afinal de contas, ele não é nenhum fazedor de paraísos, como ela esperava, e ainda mascara suas artimanhas, fazendo-as invisíveis a ela. Conseqüência: ambos vão sofrer um grande choque. Eis o potencial para a subida de um grande degrau na escalada da consciência, mas que também significa muita dor. Ambos são expelidos do paraíso e cravados firmemente nas proporções humanas. Esse pode ser um momento muito propício para ser aproveitado, porque as pessoas são melhores como seres humanos do que como deuses ou deusas. Seja como for, causa sofrimento emocional.
Eros voa de volta para a mãe, Afrodite, e age muito pouco até o final da história. A pobre Psiquê é deixada sozinha para empreender sua jornada, sem nem imaginar que conta com tantos auxiliares. Até Afrodite, a sogra-megera, cuida dela, de uma forma bem dura, há que se dizer. Durante essa experiência o marido pode abandonar a mulher e voltar para a casa dos pais. Mas também pode não abandoná-Ia fisicamente, mas por meio de incontáveis ataques de mudez total, indiferença surda e ausência emocional. Voltou para a casa da mamãe - se não fisicamente, refugiando-se em seu complexo materno interior. É assim que Afrodite reina absoluta na consciência da mulher.
Se virmos Eros como *animus* da mulher - seu lado masculino interior -, podemos dizer que ele manteve Psiquê num estado inconsciente típico de possessão de *animus,* até a hora em que ela acendeu a lâmpada da consciência. Fato que trouxe à luz sua verdadeira identidade e o obrigou a voar para o mundo interior a que pertence.

O ANIMUS

Jung disse que a função mais eficiente da *anima* e do *animus* é agir como mediadores entre a parte consciente e a inconsciente de nossa personalidade. Quando Eros volta para o mundo interior de Afrodite, está apto para interceder por Psiquê junto à deusa, Zeus e outros deuses e deusas do mundo arquetípico interno. Como poderemos verificar, coloca todas as suas aptidões para ajudá-Ia nos momentos mais críticos de sua jornada evolutiva, através dos elementos da terra, tais como formigas, águia e juncos.

Se alguma mulher quiser mudar algum aspecto da adolescência ao qual ainda esteja presa, precisará quebrar o domínio de seus componentes masculinos, a que está subordinada inconscientemente e que vão comandar seus relacionamentos no mundo exterior. Para que ela evolua, o *animus* conscientemente reorganizado como tal - precisará assumir a posição entre o ego consciente e o mundo interior inconsciente, onde poderá atuar como mediador. Um inestimável auxiliar para ajudá-Ia. Ele poderá abrir-lhe as portas para uma verdadeira vida espiritual. A mulher, num estado de possessão do *animus,* ou seja, durante essa mediação entre mundo interior e exterior, não tem a mínima consciência de seu *animus.* Ela crê que seu comportamento advém dele, mas a escolha é determinada por seu próprio ego. De fato, é seu ego que foi subjugado pelo *animus* nessas circunstâncias.
Quando a mulher acende a lâmpada da consciência vê o *animus,* e o vê bem, independente de seu ego. Assim como Psiquê, geralmente ela se apavora, pois ele parece-lhe tão poderoso e divino, enquanto ela, por comparação, vê seu *self* consciente completamente inútil e frágil. Eis um momento perigoso e desesperador para ela. Depois de passar pelo choque, apavorante, de reconhecer seu *animus* e assustar-se com sua própria incapacidade de lidar com ele, também estará em perigo de ver-se esmagada pela grandiosidade do que ele representa. Se se der conta de que tem um elemento divino dentro de si, o resultado pode ser uma alegria muito grande, próxima a uma experiência culminante. O grande perigo é "apaixonar-se pelo próprio amor".
Se você conseguir entrar em um acordo com esse desenvolvimento e manter-se na superfície entre os dois extremos - homem-morte e homem-deus, paraíso e

expulsão, alegria e desespero -, poderá então empreender a real tarefa humana de ampliar a consciência. Aí sim, a promessa vai soar verdadeira e se cumprirá: se você agüentar ver o seu homem exatamente como ele é e, depois, acender a lâmpada, o que só você poderá fazer, descobrirá que ele é um deus - provavelmente não no sentido do paraíso, o que lhe agradaria tanto, mas no sentido Olimpo, o que é muito mais grandioso. Não conheço maior promessa na vida.
Esse evento na vida de Psiquê tem algo que ver com a primeira visão que Parsifal teve do castelo do Graal.[6] Parsifal vê um mundo magnífico, além da imaginação, mas não pode permanecer nele. Da mesma forma, Psiquê perde Eros logo após haver descoberto sua real, magnificente natureza.

VII - O SOFRIMENTO DE PSIQUÊ

Em seu desalento, diante da visão de Eros que voa para longe dela, Psiquê pensa em afogar-se no rio. Aliás, toda vez em que se vê diante de uma tarefa difícil vem-lhe o ímpeto de suicidar-se. Será que essa tendência não aponta para uma espécie de auto-sacrifício sacrificar um estágio de consciência em favor de um novo, que se avizinha? Quase sempre o desejo de suicidar-se mostra o início de um novo nível de consciência. Se se mata a coisa certa - a velha forma de adaptação -, sem ferimentos pessoais, uma nova era plena de energia surgirá. Quando é atingida por uma experiência arquetípica, a mulher desestrutura-se, e é aí que recobra rapidamente sua ligação arquetípica e restaura seu ser interior. Isso também faz com que ela reúna todos os elementos que a poderão ajudar e que estão nas profundezas do seu *self.* Essa forma de agir é peculiar à mulher, pois o homem tem a sua própria, diferente da dela. Enquanto ele vai sair à cata de alguma tarefa heróica, ou seja, "matar muitos dragões para salvar frágeis donzelas" , geralmente ela se retira para um lugar muito tranqüilo e lá fica, pacienciosa, sem se ocupar de nada, esperando até que algo dentro dela lhe dê os meios, o caminho e a coragem.
Um amontoado de paradoxos! Ela pode descobrir que abraçou a Morte quando se casou; sim, morte de uma velha forma de vida.

6. Ver *HE* - Editora Mercuryo, São Paulo, 1987, 1992 (edição revista e aumentada). (N. T.)

É desconcertante para o homem dar-se conta do alto grau de controle que a mulher exerce sobre os sentimentos e sobre o mundo interior, uma habilidade desconhecida da maioria deles. Ela pode entrar quando queira no lugar mais profundo do seu ser, onde a cura é conseguida e o equilíbrio restaurado. Grande parte dos homens não tem tal controle sobre seus sentimentos, nem sobre sua vida interior. Muitas são as mulheres que percebem essa diferença em seus companheiros e sentem-se machucadas por não perceberem neles o mesmo grau de sensibilidade.

Estar dominado pela paixão é como ser feito em pedaços, mas traz em si a possibilidade de solução. Se houver força e coragem suficientes, o indivíduo poderá sair desse "desmembramento" com uma nova consciência sobre seu próprio valor e sua unicidade como ser. É uma senda muito difícil de ser trilhada, mas para alguns temperamentos talvez não haja outra a percorrer. Parece que os ocidentais elegeram esse caminho para refazer a conexão com as energias arquetípicas, às quais damos nomes de deuses e deusas.

Qual a melhor forma de solucionar esse problema? É ficar absolutamente parado, não fazer nada. E é exatamente o que acontece com Psiquê. Supera seu impulso suicida e permanece quieta. Quando você sentir que alguma coisa o fez perder o pé em alguma situação, quando você sai de órbita, o melhor a fazer é dar uma parada.

A mulher tem a grande virtude de parar nos momentos adequados, e talvez esteja aí uma das condutas mais sábias de que o ser humano é capaz. Ela é obrigada a retornar a um núcleo central fixo, cada vez que algo muito forte lhe acontece. É um ato altamente criativo, mas que deve ser levado a cabo corretamente. A mulher deve ser receptiva, não passiva.

Uma velha história chinesa ilustra bem esse princípio feminino, que muitas vezes não é bem compreendido no nosso mundo ocidental. Uma aldeia estava sofrendo uma estiagem terrível; as colheitas estariam totalmente arruinadas caso não chovesse logo. Um famoso fazedor de chuva foi chamado, e lhe ofereceram tudo para que trouxesse a chuva vivificadora. Ele andou pela cidade, observou tudo, depois pediu uma cabana de palha, comida e água por cinco dias. Foi tudo rapidamente providenciado, e no quarto dia choveu. Os habitantes acorreram à cabana, cheios de alegria e gratidão, levando presentes ao fazedor de chuva por ter ele salvado suas colheitas. Desconcertado, o homem explicou-lhes que ainda não havia iniciado os rituais para fazer chover. Sentira-se tão desarmônico

consigo próprio, quando vagara pela cidade, que ainda precisava de um tempo para afinar-se. A chuva viera naturalmente. Esse "afinar-se" é a grande arte feminina - tanto da mulher quanto da *anima*. (Deve ficar claro que não nos estamos referindo propriamente a homem e mulher, mas sim a feminino e masculino.) É algo que o feminino sempre consegue ao ficar bem quieto.
A forma feminina de entregar-se é similar, se não igual, à do fazedor de chuva do Tao. Mas um homem também pode agir assim, caso se manifeste seu lado feminino. Uma forma divina de entregar-se.
É possível transmudar o *estar-apaixonado* para amor, o que é a história de um casamento bem-sucedido. Nossos matrimônios ocidentais têm seu ponto de início na paixão e, felizmente, mudam para o amor. Esse é o tema básico de nossa história: começa com uma colisão entre uma mortal e um deus, ou seja, dois níveis de ser: a característica humana e a supra-humana. Ambas têm de aprender, mas isso só é conseguido dolorosamente, pois uma não pode viver sem a outra. A característica supra-humana não pode ser vivida ao nível humano. Lembro-me de uma charge de James Thurber: um casal de meia-idade está brigando e o marido dispara: "Bom, mas quem foi que acabou com a magia do nosso casamento?"
Quando tocados por um deus ou uma deusa, que devemos fazer? Esta é uma pergunta que não tem resposta em nossa cultura. Muitos, na verdade, têm de suportar a deterioração da visão divina do ser amado, acabam por acomodar-se na monotonia da meia-idade e resolvem que, afinal de contas, aquela virtude divina era uma tremenda bobagem.
A alternativa feminina para transpor a auto derrota e a depressão que acompanham o infeliz final do *estar-apaixonado* vai-nos ocupar pelo resto de nossa história.

PSIQUÊ SOZINHA

Ser atingido por emoções divinas é tornar-se aberto para captar a consciência divina, mas divina no sentido grego, do Olimpo. Os gregos referiam-se aos arquétipos como se fossem deuses, numa terminologia mais adequada e mais poética do que a que usamos hoje em dia. Referir-se aos grandes arquétipos que agem dentro de nós, quando nos apaixonamos, como sendo deuses e deusas, é uma forma inteligente e bela. Uma vez que nos tocam, jamais poderemos

retornar à condição comum, despreocupada e inconsciente de antes. Atualmente, uma das únicas formas de ser visitado pelos deuses é quando um ocidental se apaixona, e então um caminho de evolução que tenha em si a consciência como meta, poderá ser percorrido.
Depois de um trágico "caso de amor", a tarefa da mulher é traduzir a dor e o sofrimento nos degraus de seu desenvolvimento pessoal.
A mulher tem dentro de si aquela virtude feminina de retornar à quietude sacrificatória, que pode ser observada na tradição cristã quando se diz: "Aqui nos entregamos e nos apresentamos ao Senhor... num sacrifício vivo".
Psiquê sacrifica-se: vai ao rio para entregar-se, talvez pelos motivos errados, mas com os instintos certos.
Pan, o deus de pés fendidos, está sentado à beira do rio com a ninfa Eco ao colo. Percebe que Psiquê está a ponto de atirar-se nas águas e a dissuade.
Mas por que exatamente Pan? Ele é o deus que se coloca ao lado do *self*, aquele jeito selvagem, aquela quase-loucura considerada sagrada pelos povos antigos, de que tanto nos arrependemos quando se apodera de nós. Daí o nome *pânico.* E é essa específica virtude que salva Psiquê. Se pudermos encontrar o deus Pan no lugar certo e conseguirmos ser guiados para fora de nós mesmos, na direção de algo maior, aquela energia será usada em nosso benefício. Se levados para algo inferior, como o suicídio, será o caminho errado.
O ataque de choro na mulher é uma reação que advém da experiência-Pan. Embora possa ser humilhante (essa palavra significa estar perto do *humus* ou da terra), derreter-se em lágrimas poderá levar você a algo maior que você mesma. É a força evolutiva de Afrodite que leva você a esse ponto e mostra-lhe o próximo degrau.
Pan também sempre tem algo a dizer a Psiquê em momentos como este. Portanto, aconselha-a a rogar ao deus do amor, pois ele é quem compreende os que estão abrasados por suas flechas. Que ironia sutil, ou seja, você, que foi "ferida" por esse deus, terá de pedir exatamente a ele que a cure de suas flechas!
Sendo o deus do amor, Eros é o deus do relacionamento. É da natureza do princípio feminino - seja homem ou mulher - ser fiel a Eros, ao relacionamento. Seguir sempre o caminho que manterá o relacionamento com a *anima* ou com o *animus*, pois é com ele que você terá de se haver intimamente. No caso da mulher, ela terá de aceitar Eros como seu princípio-guia.
Contudo, para encontrar o deus do amor, Psiquê necessita confrontar-se com Afrodite, pois ele está sob seus poderes, nesse momento. A moça rebela-se e, em vez de ir a Afrodite, dirige-se a alguns outros templos dedicados a várias outras deusas. É sistematicamente rejeitada, pois nenhum deus ou deusa ousa correr o risco de ofender Afrodite. Seu ódio seria um perigo!

Existe um paralelo muito esclarecedor, nesse ponto, entre Psiquê e Parsifal. Ela vai em peregrinação de altar em altar, até que chega àquela a que realmente deveria recorrer. Ele, de sua parte, está passando por sua experiência - Rei-Pescador: lutando heroicamente nas batalhas, derrotando dragões e salvando donzelas. O trabalho de ambos é igualmente nobre, só que diferente. Seja você homem ou mulher, esses processos dinâmicos dos princípios masculinos e femininos são importantes para serem lembrados. Ambos têm característica feminina/masculina, e é necessário escolher a ferramenta adequada para a tarefa específica que se lhe apresenta.

Psiquê deve continuar sofrendo até que seu caminho esteja desimpedido. Fritz Kunkel disse, certa vez, que não se deve tirar ninguém de seu sofrimento prematuramente. Se estivermos no caminho do sofrimento, ou numa época estéril, talvez seja porque deveríamos mesmo passar por isso, durante algum tempo. Ao entendermos a estrutura global do sofrimento, um trecho estéril do caminho não parecerá assim tão assustador.

Finalmente, Psiquê vai ao altar de Afrodite, pois quase sempre aquilo que provocou um ferimento é também um instrumento de cura.

Afrodite não resiste e passa-lhe um duro sermão, reduzindo-a a zero. Diz-lhe que não serve mesmo para nada, a não ser para lavar pratos, e que se existisse algum lugar para ela neste mundo - coisa muito duvidosa -, seria apenas para desempenhar tarefas muito subalternas. Por fim, designa-lhe quatro tarefas, que significarão para a moça sua redenção.

VIII - AS TAREFAS

Psicologicamente falando, a carga das tarefas impostas por Afrodite à pobre da Psiquê é a mais pesada registrada na literatura. A mentalidade moderna assim reagiria: "Está bem, obrigada por toda essa teoria, mas, e agora, que é que eu faço?" Esse ponto do nosso mito mostra o padrão mais coerente possível para o princípio feminino. O fato de a história haver sido tirada de uma época tão longínqua, em relação à nossa história psíquica, não a torna menos útil; ao contrário, faz jus à sua universalidade e atemporalidade. Existe um sem-número de fórmulas para a maneira masculina de resolução, mas nossa história é uma das poucas que mostram a saída feminina em nossa herança cultural.

Depois de haver conseguido sobreviver à causticidade da preleção de Afrodite, Psiquê recebe dela as instruções, tão precisas quanto apavorantes. Mas por que tivemos de recorrer a Afrodite para tal coisa? Não haveria como ir a qualquer outro lugar. Eventos psicológicos vêm num pacote: ingenuidade, problema, espera e solução são perfeitamente conseguidos em uma estrutura coerente.

A PRIMEIRA TAREFA

Afrodite aponta a Psiquê uma enorme montanha de sementes de diferentes tipos, todas misturadas, e diz-lhe que ela deverá separar e selecionar as semente antes do cair da noite. Se não o lograr, a pena será a morte. Dito isso, encena uma saída dramática e pomposa para participar de um festival nupcial. A pobre da Psiquê é deixada só com sua tarefa. Tarefa impossível, que ninguém conseguiria realizar. Senta-se outra vez, imóvel, chora, e mais uma vez decide-se pelo suicídio.

De repente, aparece em seu socorro um exército de formigas que selecionam e separam as sementes com grande rapidez e aptidão e terminam o trabalho antes de anoitecer. Afrodite reaparece, como prometera, e muito a contragosto admite que uma boa-para-nada como Psiquê até que havia cumprido a tarefa de forma tolerável.

Que belo toque de simbolismo o desse monte de sementes a serem selecionadas! Em tantas coisas práticas da vida, tais como a rotina da dona-de-casa, por exemplo, ou em sua própria vida profissional, o desafio da mulher é o de fazer prevalecer a ordem e o método. Seja o grito lá da sala: "Mãe, cadê o outro pé de meia?" ou a lista de compras, ou, ainda, um novo rascunho para aquele manuscrito - tudo isso é selecionar, ordenar e colocar em forma. Sem essa tarefa essencial de estabelecer a ordem haveria o caos.

O homem recorre à mulher para conseguir a organização doméstica, pois ele sai para o mundo atrás de coisas que vê como muito mais importantes, deixando a cargo dela a manutenção da ordem do lar. Ele não a acha capaz de selecionar, separar, ordenar.

Ao fazer amor com uma mulher, o homem dá-lhe um número incalculável de sementes. Ela terá de escolher uma e iniciar o milagre da gestação. A natureza, em sua característicaAfrodite, produz tanto! A mulher, com sua capacidade de selecionar, tem de escolher uma semente e levá-Ia à frutificação.

Muitas são as culturas que eliminaram o selecionar e ordenar, através dos costumes e das leis. Estipulam o que a mulher deve fazer e, com isso, a salvam da tarefa de selecionar. Segunda-feira é dia de lavar; terça-feira, de passar, etc. Nós, ocidentais, somos povos livres e não temos tais protecionismos. A mulher deve saber como diferenciar, como selecionar criativamente. Para que isso aconteça, ela precisa encontrar sua natureza-formiga, aquela primitiva, ctônica,[7] aquela característica telúrica que irá auxiliá-Ia. A natureza-formiga não é o intelecto; não nos fornece regras a seguir. Primitiva, instintiva, silenciosa, legitimamente acessível à mulher.

Talvez esse atributo de selecionar sementes faça parte da masculinidade interior da mulher - um eco de Eros. Mas ela deve lembrar-se desta lei básica: fazer uso de tal função, altamente discriminatória, fria, seca, própria de seu *animus*, como ligação entre seu ego consciente e o mundo interior, o Inconsciente Coletivo. O *animus* e a *anima* pertencem principalmente aos céus e aos infernos do mundo interior. Curiosamente fazem, a um tempo, parte do humano e do divino, do pessoal e do transpessoal. Por isso é que são intermediários excelentes entre a personalidade e o Inconsciente Coletivo. Mantêm um pé em cada mundo: agem como eficientes guias espirituais internos para o ego consciente, nas relações deste com o mundo exterior.

Freqüentemente depreciamos o *animus*, mas isso só se justifica se ele é usado em circunstâncias impróprias ou se se manifesta externamente, caso em que origina problemas. Mas ele é a chave para a vida espiritual da mulher, sempre que trabalha internamente. É o elo principal entre ela, ser individual, e a grande unidade, a divindade, o Inconsciente Coletivo, lugar de origem do *animus*.

Ter de selecionar coisas objetivas no mundo exterior não é tarefa requerida a todas as mulheres. O tipo amazona (Tony Wolff descreve quatro tipos de mulheres: a mãe, a *hetaira*,[8] a média e a amazona), ou seja, a mulher de negócios, poderá encarar esse tipo de seleção. Tem sua natureza-formiga altamente desenvolvida, podendo usar seu componente masculino no mundo exterior.

O feminino na mulher, ou a *anima* no homem, precisa selecionar e retirar o material que está no inconsciente, para trazê-Io com ordenação e lógica para o consciente. Esta é, na minha opinião, a grande função feminina, freqüentemente negligenciada.

Toda mulher tem competência para esse atributo de selecionar. Tarefas podem ser feitas de um modo geométrico: o que está mais perto em primeiro lugar, ou o que estiver mais próximo a um sentimento. Dessa maneira simples, pé-no-chão, você poderá quebrar o impasse do "demasiado".

É fácil não tomar conhecimento de uma outra dimensão do processo de seleção - a interior. Ao mesmo tempo que uma grande quantidade de material nos chega do inconsciente pedindo-nos para ser selecionada, também estamos recebendo o tudo-cai-em-cima-de-mim que vem do mundo exterior.
É uma árdua tarefa, para a mulher, fazer a seleção nessa dimensão interior e protegerse, e à família, das torrentes internas que são, no mínimo, tão avassaladoras quanto as que vêm do mundo exterior. Sentimentos, valores, modulação, limites, eis aí ótimas bases para selecionar que poderão produzir excelentes frutos. E todas são peculiares à mulher e à feminilidade.
Pode-se ver um casamento como duas pessoas que estão costas com costas, cada uma protegendo a outra de uma forma particular. Ele voltado para o mundo exterior e ela, para o interior, um nível onde se sente mais à vontade. Essa situação não é estática, pois cada um deles caminha para a plenitude, que é a personalidade integral representada pelas duas faces de Janus que olham, ao mesmo tempo, para o mundo interior e para o exterior.
A tarefa da mulher é, além de proteger-se, proteger seu homem e sua família dos perigos do mundo interior: humores, inflação do ego, excessos, vulnerabilidade e o que se costumava chamar "possessões". São coisas que o gênio da mulher sabe manejar bem melhor que o do homem. A ele também cabe sua própria tarefa, ou seja, virado para o mundo exterior, manter a salvo sua família. Existe um perigo em particular na mentalidade de nossos dias, ou seja, ambos estarem virados para o mundo exterior, ambos dedicando todo o seu tempo às coisas externas. Essa atitude deixa o mundo interior desguarnecido, ficando o lar à mercê dos perigos que o rodeiam e que acabam por encontrar uma brecha desprotegida para assaltá-Io. As crianças são primordialmente vulneráveis a essa falta de salvaguarda.

---

7. Ctônico: relativo aos deuses e demônios que habitam os subterrâneos da Terra. (N. T.)
8. *Hectairas:* Cortezãs profissionais da Grécia antiga que, além de cultivar a beleza física, cultivavam também a mente e o espírito, elevando-se muito acima da média das mulheres da Ática.(N. T.)

No início do casamento, o casal forma dois discretos círculos que quase se sobrepõem. A divisão entre os dois é grande, e ambos têm suas tarefas específicas. À medida que amadurecem, aprendem um pouco mais sobre o gênio do outro e, gradativamente, os círculos aproximam-se mais e mais, e a área de

sobreposição torna-se maior.
Jung conta o caso de um senhor que o procurou por causa de um problema. Quando Jung lhe pediu que falasse sobre seus sonhos, respondeu-lhe que jamais sonhava, mas que seu filho de seis anos o fazia, com todos os detalhes. Jung então disse-lhe que recordasse os sonhos do filho. Durante semanas e semanas, levou-lhe os sonhos do menino, até que de repente passou a sonhar, ao mesmo tempo que a criança deixava de fazê-Io! Jung explicoulhe, então, que, sem querer - pois se havia deixado levar pela moderna mentalidade coletiva, tão comum, em relação a tais coisas -, falhara, deixando de cuidar de uma dimensão tão importante de sua própria vida. Ao mesmo tempo, o filho vira-se obrigado a suportar a carga sozinho.
Se você quiser deixar a melhor herança possível a seu filho, deixe-lhe um inconsciente limpo, não lhe deixe sua vida não vivida, que estará escondida no seu inconsciente até o dia em que você estiver pronto para olhá-Ia cara a cara. Geralmente é a mulher quem cuida desses lumes interiores, mas, nesse exemplo, foi a tarefa do pai que recaiu sobre a criança. Quando falamos do masculino e do feminino, é preciso que fique bem claro, uma vez mais, que não estamos falando exclusivamente de homem e mulher. O lado feminino do homem pode tomar a si a tarefa que normalmente pensamos pertencer à mulher e vice-versa.

A SEGUNDA TAREFA

Afrodite, de forma insultuosa e arrogante, determina a segunda das tarefas de Psiquê: deverá ir a um campo, do outro lado do rio, e juntar um pouco de lã de ouro dos carneiros que ali pastam. E deverá estar de volta ao cair da noite, sob pena de morrer se não o conseguir.
Psiquê precisa ser muito corajosa (temerária seria a palavra correta) para cumprir tal tarefa, pois os carneiros são ferozes. Uma vez mais ela se desestrutura e pensa em suicídio. Aproxima-se do rio que a separa da pastagem dos carneiros do sol, com o firme propósito de jogar-se às águas. No último momento, os juncos que margeiam o rio falam-lhe e lhe dão conselhos.
Os juncos, humildes plantas que brotam do lugar onde a água encontra a terra, advertem-na para que não se aproxime dos animais, em busca da lã, enquanto houver luz do dia. Se não seguisse esse conselho seria morta a marradas. Se fosse à noitinha, porém, conseguiria facilmente recolher a lã que costumava ficar

presa aos arbustos e galhos mais baixos das árvores do bosque, e obteria, assim, suficiente quantidade de lã de ouro para satisfazer Afrodite, sem atrair para si a fúria dos carneiros.
A Psiquê não lhe foi dito para ir diretamente aos carneiros ou tentar conseguir a lã de ouro pela força. Na confrontação direta, seriam muito perigosos. Portanto, ela deve abordar esses animais agressivos, de cabeça de touro, apenas de forma indireta.
Quantas vezes a masculinidade não se parece com isso, aos olhos de uma mulher, quando chega a hora de ela assimilar um pouquinho dessa característica para sua própria vida interior! Imagine uma jovem, muito feminina, no início de sua vida, observando o mundo de hoje e sabendo que necessita abrir seu caminho nele. Tem medo de ser esmagada, morta ou despersonalizada pela natureza-carneiro da sociedade impessoal, competitiva e patriarcal em que vivemos.
O carneiro representa uma característica masculina poderosa, elemental, instintiva, que pode entrar em erupção quando menos se espera, como uma "entidade" invadindo a personalidade. É um poder terrível e numinoso, como a experiência da sarça ardente, as profundezas abissais do inconsciente, que pode esmagar o frágil ego se não for corretamente dominado.
É preciso fazer aqui uma distinção entre carneiro e Velocino. Talvez convenha recordarmos o mito da busca do Velocino de Ouro, para melhor compreensão desta tarefa de Psiquê. O Velocino de Ouro - ou Tosão de Ouro - é um dos grandes mitos da Antigüidade que versam sobre a masculinidade. Nele, Jasão e seus companheiros dão provas de coragem e virilidade.
Era o pelego de um carneiro que salvara dois irmãos - Helle, a menina, Phrixos, o menino - das mãos assassinas do pai e da madrasta. No instante em que ia ser desferido o golpe mortal, o carneiro, que era muito forte, aproximou-se voando e arrebatou ambas as crianças. Infelizmente, porém, a menina caiu no mar e afogou-se, e só o menino chegou são e salvo a um outro reino, onde sacrificou o animal em ação de graças. O Velocino de Ouro foi dado por Phrixos ao rei daquelas terras, e só muito mais tarde é que Jasão e os argonautas foram em busca dele.
Ao sacrificar o carneiro, Phrixos guarda o Velocino de Ouro, que é o símbolo do Logos. Há uma ligação íntima, orgânica, entre Logos e poder, assim como entre Velocino e carneiro.
Como poderá o homem bem controlar tal poder, tão terrível, e usá-Io em benefício de si próprio e da natureza? Os mitos antigos mostram como: sacrificar o carneiro e guardar o Velocino; ou, ainda, apenas recolher a lã que ficou presa nas ramas, para não despertar a fúria animal. Outra alternativa nos é mostrada

por Tolkien - o moderno criador de mitos -, que manda devolver à terra o anel do poder. Na terminologia oriental, é manter o equilíbrio entre o Yin e o Yang, entre Logos e Eros. O mito de Psiquê diz que não se deve tentar arrancar ou usar a lã enquanto ela estiver no carneiro. O conhecimento primordial, ligado ao poder também primordial, tem uma capacidade instantânea de destruição.
Nosso mito nos dá instruções bastante explícitas sobre como Psiquê deve, sabiamente, aproximar-se desse poder-carneiro. Não deve chegar perto dos animais durante o dia, mas ao crespúsculo, e somente deve recolher a lã que tenha ficado presa aos galhos e arbustos, nunca obtê-Ia diretamente dos carneiros.
Hoje em dia são muitas as pessoas que pensam que poder só se adquire se se arrancar um punhado de lã dos flancos de um carneiro e sair exibindo-o em triunfo. Desde que o poder é uma faca de dois gumes, é bom só tomar o necessário, o que é perfeitamente plausível. Usar pouco o poder é continuar dominado pelas vozes interiores que representam os pais. Exercê-Io em demasia pode significar abuso e violência, deixando atrás de si danos e destruição.
John Sanford, escritor e terapeuta, diz que se um jovem faz uso de drogas, seu ego não é suficientemente forte para suportar a enorme carga das experiências interiores, com as quais ele se defronta; poderá ser totalmente destruído. Isso seria tentar obter o poder-carneiro diretamente, ou obtê-Io em grande quantidade. Nós, hoje, homens e mulheres, estamos pegando à unha um carneiro muito, mas muito grande, que poderá virar-se contra nós e nos destruir. Nosso mito nos adverte para que tomemos o poder na medida da necessidade, para que sacrifiquemos o não-necessário e mantenhamos poder e relacionamento na proporção justa.
Há uma distinção entre as formas masculina e feminina de obter o Velocino: a maneira de Phrixos e a de Psiquê. Aquele precisou sacrificar o carneiro, ao passo que ela não: recolheu o excedente. A idéia de juntar somente o que sobrou, os restos do Logos, a energia masculina racional e científica, o que estava nas ramas, pode parecer intolerável à mulher moderna. Por que deveria ela pegar só um pouquinho do Logos, um pouquinho dessa qualidade? Por que não simplesmente abater o carneiro, arrancar-lhe o pelego - o Velocino de Ouro - e exibi-Io em triunfo, tal qual faz o homem?
Foi exatamente o que Dalila fez, transformando seu ato, depois, num grande jogo de poder; só que deixou um rastro de destruição. O mito de Psiquê mostra que a mulher pode conseguir a energia masculina, necessária a seus propósitos, sem nenhum jogo de poder. A maneira de Psiquê é bem mais suave, não precisa transformar-se numa DaliIa e matar Sansão para adquirir o poder.
Há mulheres que precisam de uma porção maior de masculinidade, mais do que

a que o mito mostra. É bom lembrar que as amazonas atrofiavam o seio esquerdo (o que significa abrir mão de uma parte considerável de sua feminilidade), para que pudessem manejar o arco com desenvoltura. Mais masculinidade pode implicar menos feminilidade, e é esse justamente o problema.
Sinto que a civilização ocidental tomou um caminho errado, há algum tempo, e por isso o espaço hoje ocupado pela feminilidade está ameaçado. Daí a importância do mito, pois ele fala exatamente das duas formas de a mulher agir: a certa e a errada.[9]
Esse ponto da mitologia levanta uma enorme questão para nós: quanto da energia masculina é o suficiente? Creio não ter limites enquanto a mulher mantiver-se centrada em sua identidade feminina e só usar sua força masculina para beneficiá-Ia, como uma ferramenta consciente. Assim também deve suceder com o homem: pode usar tanto quanto queira sua força feminina, enquanto homem, usando seu lado feminino de maneira consciente. Usar em demasia, porém, em ambos os casos, pode causar muitíssimos problemas.

A TERCEIRA TAREFA

Afrodite descobre que - incrível! - Psiquê lograra juntar o suficiente de lã de ouro. Furiosa, resolve derrotá-Ia. Manda-lhe que encha uma taça de cristal com a água do Estige um rio que desce do alto de uma montanha, desaparece na terra e retorna à montanha. É um rio circular, que depois de passar pelas profundezas abissais do inferno volta às origens, no pico da montanha. Por ser guardado por monstros perigosíssimos, não há como aproximar-se dele o suficiente para conseguir uma taça de água, por menor que seja.
Fiel à sua forma de reagir, Psiquê desestrutura-se, mas desta vez nem chorar consegue, porque ficou totalmente entorpecida pela derrota.
É então que aparece a águia de Zeus, como se fosse magia. Certa vez essa mesma ave ajudara o deus em um certo caso de amor e daí nascera entre ambos uma camaradagem. Agora, desejando proteger seu filho Eros abertamente, Zeus pede à águia que assista Psiquê. Ela voa até a jovem, que está perdida em sua aflição, e pede-lhe a taça de cristal. Alça vôo para o centro do rio, mergulha-a no meio daquelas águas turbulentas e perigosas, enche-a e a devolve perfeitamente a salvo para Psiquê. Tarefa cumprida.
Esse rio é o rio da vida, correndo nos altos e baixos, vindo de altas montanhas e

entrando nas profundezas do inferno. A correnteza é veloz e traiçoeira, suas margens, escorregadias e íngremes. Quem se aproximar demais facilmente poderá ser arrastado e afogar-se em suas águas, ou então ser esmagado contra as rochas do seu leito.

Essa tarefa nos mostra como a feminilidade deve relacionar-se com as infinitas possibilidades da vida. A forma feminina de agir é fazer uma coisa por vez, e fazê-Ia muito bem-feita. Psiquê só deverá encher uma taça de água por vez. Não é negada à mulher uma segunda, uma terceira ou uma décima atividade, mas é só uma taça por vez, com ordenação.

O aspecto feminino da psique humana tem sido descrito como uma consciência difusa. A natureza feminina é inundada pelas infinitas possibilidades que a vida proporciona e vê-se atirada a todas elas quase que de golpe. E a grande dificuldade é que ninguém pode ter ou ser muitas coisas ao mesmo tempo. Algumas das possibilidades que nos são dadas contrapõemse, e, portanto, temos de escolher. Como a águia, que tem visão panorâmica, temos de focalizar um ponto no longo rio, mergulhar e trazer uma, só uma taça de água.

Há uma heresia popular, muito espalhada, que afirma: se pouco já é bom, mais é melhor. Seguir esse ditame leva o indivíduo a criar uma vida que nunca vai levar à autorealização. A propaganda nos diz para agarrar todo o sabor que se possa arrancar da vida. Isso não funciona, significa que, mesmo que se esteja no processo de uma experiência muito profícua, já se está de olho em alguma outra. Nunca se está satisfeito, porque os planos para o futuro estão sempre se intrometendo no presente.

Por outro lado, nosso mito nos diz que um pouco de uma virtude, desde que sentida com muita consciência, é mais do que suficiente. Como afirma o poeta, é possível ver o mundo num grão de areia. Poderemos concentrar-nos em um aspecto da vida, ou em uma experiência, absorvê-Ia, esgotá-Ia e nos sentir satisfeitos. Só aí é que poderemos partir, com ordenação, para qualquer outro ponto.

A taça de cristal é o continente para a água da vida. O cristal, como se sabe, é frágil e muito precioso. O ego humano pode bem ser comparado à taça de cristal; é o continente para uma pequena parte da vastidão do rio da vida. Se o ego-continente, como a taça, não for usado com todo o cuidado, o belo mas traiçoeiro rio poderá estilhaçá-lo. A visão da naturezaáguia é muito importante para se ver com clareza e mergulhar no rio, no lugar apropriado, de forma adequada. O ego que esteja tentando trazer para a vida consciente uma parte da imensidão do inconsciente deve aprender como fazê-lo, usando uma taça por vez. Do contrário, correrá o risco de ser esmagado.

9. Ver *Feminilidade Perdida e Reconquistada,* Robert A. Johnson, Editora Mercuryo, São Paulo, 1991. (N. T.)

É um aviso contra qualquer mergulho nas profundezas, na tentativa de trazer à tona o todo da vida para um só foco; melhor uma taça de cristal com água do que uma torrente que nos poderá afogar.
Um indivíduo despreparado que da terra olhe para baixo e veja as águas do rio da vida conturbadas, num torvelinho confuso, poderá sentir que não tem meios para fazer sua escolha. Se chegar ao rio por outra margem, num outro ponto, poderá achar a água estagnada, aparentemente sem movimento ou vida, e ficar sem expectativa de mudanças. Um outro indivíduo, que se aproxime desse rio vindo de sua margem particular, de um ponto quase sem perspectivas, vai possivelmente precisar do auxílio de sua natureza-águia para ter seu ponto de visão ampliado o suficiente para conseguir ver uma parte maior dele, com seus meandros, suas curvas, suas mudanças de curso. Assim, de um ponto de vista diverso, poderá vislumbrar outras possibilidades. Quando nos parece até impossível ver só uma pequena parte da margem, a perspectiva-águia nos dá a possibilidade de um novo degrau, provavelmente um bem pequeno, se comparado à ambição normal, mas o degrau apropriado ao crescimento pessoal. A maioria das pessoas está oprimida pelo "demasiado" da vida moderna, mesmo no dia-a-dia. Eis a hora para a visão-águia e a mentalidade de uma-taça-por-vez.

A QUARTA TAREFA

Ao mesmo tempo em que é a mais difícil, essa quarta tarefa de Psiquê também é a mais importante. E muito poucas são as mulheres que conseguem atingir esse estágio de evolução. A linguagem usada para descrevê-Ia pode parecer estranha e muito antiga. Se essa não for a sua tarefa, deixe-a de lado e trabalhe no que for adequado para você. No entanto, para as mulheres que necessitam embarcar nela, as informações contidas em nosso mito são preciosíssimas.
Fiel à sua forma de agir, Afrodite prescreve uma tarefa impossível a um mortal. Se somente contássemos com o poder conferido aos mortais, não sobreviveríamos a nenhuma delas, principalmente a essa em especial. Mas eis que surge um auxiliar, como presente dos deuses, que a torna factível.

Essa é a última prova pela qual deverá passar Psiquê. Afrodite a instrui para que vá ao mundo infernal e peça a Perséfone - deusa do Inferno, a misteriosa, a eterna donzela, a rainha dos mistérios - um cofrinho onde ela guarda seu ungüento de beleza.
A moça, percebendo a total impossibilidade de tal tarefa, mais uma vez se desestrutura e se dirige a uma torre muito alta com o propósito de atirar-se de lá, escapando assim de seu destino fatal.
E é exatamente essa torre, escolhida como uma saída fácil, que dá a Psiquê as instruções de que ela tanto necessita para chegar ao mundo dos mortos. E que instruções! A torre diz-lhe para procurar um lugar muito escondido e lá encontrar o respiro da abertura do Hades, que desemboca no caminho intransitável que leva ao Palácio de Plutão, deus dos infernos.
Mas ela não poderá ir de mãos abanando, pois deve pagar pela passagem. Precisará levar consigo dois pedaços de bolo de cevada nas mãos, duas moedas entre os dentes e mais toda a fortaleza que conseguir reunir, para passar por muitas provas difíceis. Essa passagem através do Hades tem seu preço, e o preparo é essencial. Além disso, não deverá prestar ajuda a um coxo que lhe pedirá para apanhar a lenha que caiu do lombo de seu jumento. Deverá também recusar-se a salvar um homem que está se afogando, e não deverá intrometer-se com as três Tecelãs do Destino.
A primeira moeda ela dará ao barqueiro que faz a travessia do Estige. Uma das fatias do bolo ela irá jogar a Cérbero, o cão de três cabeças, guardião das portas do Inferno. Assim, enquanto as três cabeças brigam pelo bocado, ela poderá passar por ele e entrar.
Deverá também recusar qualquer comida, que não seja frugal, enquanto estiver no reino dos mortos. No caminho de volta, o procedimento será o mesmo.
Psiquê encontra o caminho intransitável, desce até o rio Estige e depara-se com o coxo que puxava seu jumento carregado com lenha. Quando alguns gravetos caem ao chão, ela, automaticamente, obedecendo aos seus impulsos de generosidade, abaixa-se para alcançáIos. Lembra-se, então, de que uma das instruções era precisamente recusar ajuda a esse velho. Isso porque deveria poupar suas energias, que deveriam estar concentradas para enfrentar as dificuldades da tarefa a cumprir.
Quando chega ao barco de Caronte este lhe pede uma moeda pela travessia do rio que a levará ao Hades. Durante a viagem, um homem que estava se afogando pede-lhe ajuda, mas outra vez Psiquê é obrigada a recusar. Isso porque quando uma mulher está a caminho de verse cara a cara com a deusa do reino dos mortos, precisa reunir todos os seus recursos e não desviá-Ios para outras tarefas.
Uma vez no Hades, Psiquê vai diretamente ao seu objetivo, mas no caminho

encontrase com as três Tecelãs do Destino. As mulheres lhe pedem ajuda, mas, uma vez mais, passa por elas sem prestar-lhes atenção.
Que mulher poderia passar pelas Tecelãs e não parar para tomar parte na tessitura do Destino? Especialmente na vida dos filhos ela não deveria interferir. A mãe pensa que deve guiar os filhos, o que é verdadeiro em alguns aspectos, mas não em outros, porque eles não são seus filhos, são filhos da vida. A mãe não deveria parar a própria vida para tomar parte na trama do destino de seus filhos. Ela lhes será mais útil se cuidar do próprio destino.
A moça fora avisada para que não parasse, porque aí viria a perder uma das fatias do bolo de cevada, e não poderia usá-Ia para a sua manobra diversionista na tenebrosa passagem que ainda estava por vir. Sem tal manobra jamais retornaria ao mundo da luz dos homens.
A seguir, Psiquê defronta-se com Cérbero. Atira-lhe uma das fatias e enquanto as cabeças brigam por ela a moça passa sem correr riscos.
Finalmente, vê-se na antecâmara de Perséfone, a eterna virgem, rainha dos mistérios. Como havia sido instruída, recusa a pródiga hospitalidade que a deusa lhe oferece. Aceita somente a mais simples de todas as iguarias e senta-se no chão para comê-Ia. Isso é muito significativo. Em muitas civilizações, fazer uma refeição em algum lugar significa ter laços com o local, a família ou situações. Fica-se comprometido, de certo modo, com o lugar onde se come. Por isso é que um brâmane jamais aceita comer numa casa de casta inferior, pois ficaria preso a ela. Se a jovem aceitasse o luxo oferecido por Perséfone estaria presa à deusa para todo o sempre.
Psiquê, crescendo em sabedoria e força - pois as tarefas anteriores haviam-na fortalecido -, passa pelas provas e pede a Perséfone que lhe dê seu cofrezinho com o ungüento de beleza. Sem hesitar, a deusa o entrega a Psiquê. "Um cofre que continha um segredo místico" , que é a chave para uma incrível questão que aparecerá logo mais.
No caminho de volta, ao passar de novo pelo horrível cão, joga o segundo bolo e, em seguida, dá a segunda moeda ao barqueiro.
A última das instruções dadas pela torre é uma prova demasiado grande para Psiquê. E ela desobedece o sábio conselho: não abrir o cofrezinho nem tentar saber o que ele contém. Bem no finalzinho de sua jornada, já divisando a luz do mundo dos vivos, Psiquê pensa lá com seus botões: "Aqui estou eu, com o segredo da beleza de Afrodite nas mãos. Que tola seria se não olhasse o conteúdo e não tirasse só um pouquinho para mim, pois assim me faria bela para meu adorado Eros!" E assim foi, só que encontrou nada dentro dele. O nada sai e recai sobre ela sob a forma de um sono mortal vindo do Inferno. E Psiquê jaz no chão totalmente inconsciente.

Eros, refeito de seu sofrimento, toma ciência do desastre ocorrido com Psiquê e encontra a saída para o aprisionamento infligido por Afrodite. Voa até ela, apaga aquele sono mortal de suas faces e o recoloca no cofre. Acorda-a com a picada de uma de suas flechas e faz-lhe uma admoestação por haver ela sucumbido à curiosidade, o que quase vem a matá-Ia. Depois, diz-lhe que vá até Afrodite e lhe entregue o misterioso cofrezinho.
Eros voa diretamente a Zeus e lhe pede por Psiquê. Recebe dele uma reprimenda porque seu comportamento deixara muito a desejar. Mas também honra-o como seu filho e dizlhe que vai ajudá-Ios. Ato contínuo, conclama todos os outros deuses e dá instruções expressas a Hermes para trazer a moça a seu reino. Proclama a todos os habitantes do Olimpo que a tirania do amor exercida por Eros já havia durado o suficiente, e que agora chegara a hora de pôr os grilhões do casamento nesse incendiário.
Já que Eros havia escolhido uma noiva, por livre-arbítrio, e muito linda, ele, Zeus, exigia o casamento. Para contornar a dificuldade da união de um deus a uma mortal, Zeus supervisiona pessoalmente a cerimônia. Dá de beber à formosa Psiquê da ânfora da imortalidade, o que lhe vai assegurar tanto a imortalidade quanto a promessa de Eros de que nunca mais a abandonará. Será seu marido para todo o sempre.
Nunca aconteceu nos céus festa mais linda! Zeus presidia, Hermes servia, Ganimedes enchia as taças de vinho, ApoIo tangia sua harpa. Até Afrodite, quem diria, contagiada pela alegria geral, estava extasiada com o filho e com a nora!
No tempo devido, Psiquê dá à luz uma filha cujo nome é Prazer.

EPÍLOGO

A última tarefa de Psiquê representa o passo mais significativo na evolução pessoal de uma mulher. Poucas delas estão suficientemente preparadas para iniciar-se em tal tarefa, pois seria imprudência empreendê-Ia antes de haver cumprido as precedentes. Tentar essa jornada muito cedo seria um convite ao desastre; recusá-Ia, se apresentada, é igualmente terrível. Nos primórdios da civilização, dificilmente seria empreendida por pessoas comuns. Era tarefa para os eleitos do mundo espiritual. Hoje, mais e mais mulheres são chamadas a esse

grau de evolução. Quer tenham ou não consciência disso, é um degrau que vai gerar poder interior. O importante é fazer a opção de iniciar esse processo assim que ele se apresenta. Você simplesmente não pode ignorá-lo uma vez que tenha início, assim como também não pode ignorar uma gravidez.

Que podemos extrair de nossa história?

Os três primeiros "auxiliares" de Psiquê eram elementos da natureza-formiga, junco, águia. A torre é um elemento feito pelo homem e representa o legado cultural de nossa civilização. Ela nos ajuda, e muito, a saber como foi que outras mulheres, em épocas passadas, conseguiram completar sua quarta tarefa. Santa Tereza de Ávila refere-se a ela como Castelo Interior. Líderes da teologia, mormente mulheres, têm seus pontos de vista sobre ela. As feministas de nossos dias muito têm o que dizer. Na legenda cristã também encontramos bastante material sobre esse tema, com muitas histórias sobre as santas. De sua parte a psicologia jungiana traz muitas crônicas sobre a forma feminina de cumprir essa tarefa.

É bem importante discernir as formas do passado - tanto no Ocidente quanto no Oriente - e diferenciá-Ias dos caminhos contemporâneos. Finalmente, como na maioria das coisas, somos deixados com nossa própria torre interior, em nosso próprio caminho solitário.

Psiquê precisa abrir caminho para chegar ao Inferno, o lugar da dissolução (quantas não são as jornadas que se iniciam no ponto mais inesperado ou menos valorizado), descendo o intransponível caminho para a escuridão abissal do mundo interior. Ela não deve parar e não deve deixar-se desviar pela sua generosidade feminina. Precisa aprender a dizer *não* ao coxo e ao afogado (mas só durante esse estágio de seu crescimento). É um período muito difícil para a mulher. Um velho manco lhe pede que o ajude a recolocar a lenha no dorso do animal e ela tem de dizer *não.* Um moribundo lhe pede ajuda e ela precisa dizer-lhe *não.*

Há uma imagem chinesa que mostra o masculino e o feminino assim: Um homem está no topo de uma montanha, ao pôr-do-sol, com as mãos estendidas, palmas viradas para cima. Afirma um *sim* criativo. Uma mulher está no topo de uma montanha, ao pôr-do-sol, com as mãos estendidas, palmas viradas para baixo. Afirma um *não* positivo. No pensamento chinês, esta é uma forma de expressar o fato de que o masculino e o feminino carregam, cada um, metade da realidade. É o *Yin* e o *Yang,* na visão chinesa, a se completarem mutuamente na perfeição. Um precisa do outro; um alimenta o outro.

Ocupamo-nos aqui do *não* criativo e não do *não* simplesmente indiferente. A negativa, enquanto ato criador, é algo possível, mas no nosso mundo ocidental é uma possibilidade quase que inteiramente perdida. A mulher pode chegar a dizer

um *não* criativo, construtivo, ordenador, caso cumpra essa última parte das provas impostas a Psiquê.
Em quase todas as sociedades primitivas, se alguém ajuda uma pessoa fica preso a ela. Na África, por exemplo, se alguém salva a vida de uma pessoa que mais tarde vem a cometer um crime, aquele que a salvou é responsabilizado.
Psiquê paga pela travessia do Estige com uma moeda e reserva a outra para voltar. Se ela não guardar energia suficiente no início, não terá meios para terminá-Ia. Essa jornada requer descanso, introspecção e concentração de energia. Psiquê precisa desviar a atenção do terrível cão que guarda os portais do Hades. Não é simplesmente ignorar as coisas odiosas que se encontram pelo caminho; elas precisam ser pagas com algo de sua própria espécie bolos de cevada com mel.
A seguir, é importante não dissipar a energia reservada para a jornada, gastando-a com Perséfone e adotando sua forma de ser. Ela é a rainha do mundo dos mortos, a deusa inatingível, a eterna donzela, a rainha dos mistérios. Essa parte da mulher deve ser honrada e respeitada, pois aqui é que o mistério deve ser desvelado; mas você pode não se identificar com ela. Não é difícil encontrar exemplos de mulheres que permaneceram com Perséfone e não fizeram maiores progressos.
Psiquê enceta o caminho de volta do Hades, distrai o horrendo cachorro o tempo necessário para passar por ele, paga o barqueiro com a segunda moeda e volta à luz do mundo dos vivos.
Ela pede o cofrinho do ungüento de beleza, mas nada recebe, aos seus olhos. Esse *nada* é o segredo mais recôndito e, provavelmente, mais valioso do que qualquer outra virtude para a qual pudéssemos encontrar um nome. O mistério interior mais profundo para a mulher pode não ter nome, nem ser rotulado. É a essência daquela virtude feminina que precisa continuar sendo um mistério para os homens certamente, mas também para as mulheres. Não é nada menos que o elemento que cura a si próprio, que se auto-regenera.
O sono de Psiquê é o longo e prolongado sono da morte, que lhe fora profetizado desde o início pelo oráculo, mas que Eros havia postergado ao arrebatá-la para seu jardim. A morte psicológica, como sendo a passagem de um nível de evolução a outro, é um símbolo comum a mitos e sonhos. Morremos para o velho *self* e renascemos para uma nova vida.
No começo, Psiquê era uma criatura adorável, feminina e ingênua. Para galgar um novo degrau em seu desenvolvimento e conseguir uma nova vida, foi-lhe estipulado - pelo oráculo e pela evolução - morrer para aquela preocupação pueril, talvez narcisista, com sua beleza e ingenuidade, a fim de aprender a lidar com as dificuldades da vida, sem, porém, excluir suas facetas escuras e feias, e

usando sempre as potencialidades de um ser já amadurecido.
Quem melhor que Perséfone para entender tudo isso? A Perséfone da mitologia também fora, de início, uma donzela pura e linda, tal qual Psiquê: cheia de vida, de juventude, de frescor primaveril. Sua beleza era sua maior preocupação, e foi justamente ela que lhe causou a perda da inocência, quando se atirou de encontro ao seu destino. Tudo porque um dia ficou extasiada com uma flor lindíssima - o Narciso -, que fora criada especialmente por Zeus com o propósito de afastá-Ia de seus amigos e fazer com que Hades a pudesse raptar e desposar. Depois do rapto, Deméter, sua mãe, passou a buscá-Ia desesperadamente. Zeus, então, deu sua permissão para que a jovem voltasse do mundo dos mortos uma vez por ano, durante a primavera e o verão.
Perséfone aprendera tudo sobre a beleza: seu preço e seu valor. Trazia-a, pois, anualmente para a Terra durante essas estações. Quando a deusa via sua beleza murchar com as primeiras geadas, tornava aos infernos. Sim, ela sabia tudo sobre a efemeridade da beleza e o quanto ela é desejada.
É, portanto, para junto de Perséfone que Psiquê é encaminhada, quando de sua última tarefa. Que melhor pessoa? Para quem mais poderia ela ser mandada, justamente quando necessitava morrer para a preocupação - infantil e original - com sua beleza e seu narcisismo, que a distanciavam do amadurecimento? Quando Psiquê desobedece às instruções relacionadas ao cofrezinho (outra *felix culpa*, uma queda do estado de graça, necessária ao desenrolar do drama?), ela toma o elemento feminino, divino, para uso próprio, e ele lhe causa a perda da consciência. É esse o momento mais perigoso da jornada, exatamente o ponto no qual muitos se perdem. Identificar-se com o mistério é cair na inconsciência, que significa o fim para um maior desenvolvimento.
Psiquê trabalhou para executar as três tarefas e, por meio delas, conseguir uma conscientização maior, mais detalhada, em seu processo de auto-conhecimento. Finalmente defrontou-se com a tarefa da individuação, plenitude, inteireza. Isso, porém, exigiu-lhe uma descida às regiões abissais do inconsciente, do Hades, que só pôde ser empreendida depois de ela adquirir controle bastante para trabalhar conscientemente. Muitas mulheres, no entanto, conseguem fazer a jornada em segurança até esse ponto para acabar caindo na armadilha de identificar-se com o misterioso charme de Perséfone. Se isso acontecer, nenhum desenvolvimento mais lhes será possível, uma vez que se tornam verdadeiros fósseis espirituais, sem nenhuma dimensão humana.
Psiquê também teria sucumbido nesta prova, não fosse essa mesma falha ter ativado o poder masculino de Eros - ou seu lado masculino interior -, e o levado a salvá-Ia. Foi a picada da flecha do amor que a despertou e resgatou de seu sono mortal. Somente o amor poderá salvar você dos perigos de uma espiritualidade

parcial.
Esse sono de Psiquê nos recorda o sono de morte de Cristo na tumba, ou o de Jonas no ventre da baleia. É o grande sono, a grande morte, o grande colapso que antecede a vitória final.
Eros realiza sua tarefa divina e Psiquê é recebida no céu como imortal. Seu contato com Eros é difícil e perigoso, mas no final brinda-a com a imortalidade. Portanto, a salvação é o prêmio da totalidade, que não é conseguida só pelo trabalho, mas é dádiva dos deuses. Podese, pois, presumir que quem esteve fortalecendo a jovem todo o tempo foi Eros; que foi ele, como *animus,* que se manifestou como formiga, junco, águia e torre.
Se tomarmos o mito todo como a própria história da mulher, Eros é realmente seu *animus* que está se tornando forte, saudável, deixando de lado as características do moleque malandro para ser um homem maduro, merecedor de se tornar seu companheiro. Tudo é conseguido, sim, com o trabalho da jovem, mas também com a colaboração efetiva dele.
Neste mito, como em muitos outros, a morte é apenas um sono. O *animus* - em sua dimensão no mundo interior do Olimpo - é capaz de salvar o ego e elevar Psiquê a uma vida nova, a um novo estado de existência. Ego e *animus,* agora, mantêm um relacionamento adequado, pleno e total. Ela é agora rainha, e o fruto dessa união é alegria, êxtase, totalidade e divindade.
É bonito descobrir que o problema, que parecia insolúvel, foi solvido enquanto a protagonista estava ocupada em resolver coisas práticas. Há uma história persa que ilustra bem esse ponto: um jovem escalou uma montanha e lá no topo descobriu uma caverna, e dentro dela uma pérola de grande valor. Mas a pérola estava sob a pata de um dragão tão grande e ameaçador que ele não viu chance nenhuma de pegá-Ia. Desgostoso, voltou à sua vida comum e sem grandes motivações. Casou-se, constituiu família, trabalhou e, depois de velho, quando os filhos já haviam saído de casa, viu-se livre novamente e pensou: "Antes de morrer, vou voltar à caverna para olhar a pérola pela última vez" . Encontrou o caminho de volta para a caverna, entrou e viu a pérola, linda como antes. Lá estava também o dragão, mas agora tão encolhido que se reduzira a quase nada. Pôde então apanhá-Ia e levá-Ia. Sem se dar conta, havia lutado contra o dragão durante toda a vida, dia após dia, através das coisas práticas de sua existência.
O nome da filha de Psiquê e Eros é traduzido por Prazer. Minha intuição me diz que melhor teria sido chamá-Ia Alegria ou Êxtase. Quando, finalmente, a mulher alcança seu desenvolvimento pleno e descobre que é uma deusa, dá à luz um elemento de prazer, alegria ou êxtase. Creio que o coroamento da realização feminina é ser capaz de levar essas qualidades para a sua vida. O homem valoriza tanto a mulher justamente por causa dessa capacidade ou poder. Ele não

consegue encontrar o Êxtase sozinho, sem a ajuda do *elemento feminino,* que pode estar tanto na mulher interior - *anima* - quanto na exterior. A alegria é uma dádiva que brota do coração da mulher. Ela manifesta a beatitude e é a imagem viva dela. O fruto de todos os seus labores é a alegria e o êxtase.

FIM